

FRANCISCA TRINDADE

o poder e a resistência da mulher negra



FRANCISCA TRINDADE

o poder e a resistência da mulher negra

Organização : Assunção M S Silva



EdUESPI



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI

Evandro Alberto de Sousa
Reitor

Jesus Antônio de Carvalho Abreu
Vice-Reitor

Paulo Henrique da Costa Pinheiro
Pró-Reitor de Ensino de Graduação

Mônica Maria Feitosa Braga Gentil
Pró-Reitora Adj. de Ensino de Graduação

Raurys Alencar de Oliveira
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

Fábia de Kássia Mendes Viana Buenos Aires
Pró-Reitora de Administração

Rosineide Candeia de Araújo
Pró-Reitora Adj. de Administração

Lucídio Beserra Primo
Pró-Reitor de Planejamento e Finanças

Joseane de Carvalho Leão
Pró-Reitora Adj. de Planejamento e Finanças

Ivoneide Pereira de Alencar
Pró-Reitora de Extensão, Assuntos Estudantis e Comunitários

Marcelo de Sousa Neto
Editor da Universidade Estadual do Piauí



GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ - UESPI



Maria Regina Sousa **Governadora do Estado**
Evandro Alberto de Sousa **Reitor**
Jesus Antônio de Carvalho Abreu **Vice-Reitor**

Conselho Editorial EdUESPI

Marcelo de Sousa Neto **Presidente**
Algemira de Macedo Mendes **Universidade Estadual do Piauí**
Antonia Valtéria Melo Alvarenga **Academia de Ciências do Piauí**
Antonio Luiz Martins Maia Filho **Universidade Estadual do Piauí**
Artemária Coêlho de Andrade **Universidade Estadual do Piauí**
Cláudia Cristina da Silva Fontineles **Universidade Federal do Piauí**
Fábio José Vieira **Universidade Estadual do Piauí**
Hermógenes Almeida de Santana Junior **Universidade Estadual do Piauí**
Laécio Santos Cavalcante **Universidade Estadual do Piauí**
Maria do Socorro Rios Magalhães **Academia Piauiense de Letras**
Nelson Nery Costa **Conselho Estadual de Cultura do Piauí**
Orlando Maurício de Carvalho Berti **Universidade Estadual do Piauí**
Paula Guerra Tavares **Universidade do Porto - Portugal**
Raimunda Maria da Cunha Ribeiro **Universidade Estadual do Piauí**

Marcelo de Sousa Neto **Editor**
Levi Magalhães **Capa e Ilustração**
Peleo M.art **Diagramação**
Autores **Revisão**
Editora e Gráfica - UESPI **E-book**

F818 Francisca Trindade: o poder e a resistência da mulher negra
[recurso eletrônico] / Organizado por: Assunção de Maria
Sousa e Silva. - Teresina: EdUESPI, 2022.
E-book.

ISBN: 978-65-88108-56-7

1. Trindade, Francisca, 1966-2003. 2. Mulher negra. 3. Piauí –
História. I. Silva, Assunção de Maria Sousa e (Org.). II. Título.

CDD: 981.22

Ficha Catalográfica elaborada pelo Serviço de Catalogação da Universidade Estadual do Piauí -UESPI
Ana Angélica P. Teixeira (Bibliotecária) CRB 3ª/1217

Editora da Universidade Estadual do Piauí - EdUESPI
UESPI (*Campus Poeta Torquato Neto*)
Rua João Cabral, 2231 • Bairro Pirajá • Teresina-PI
Todos os Direitos Reservados

*cada um sabe a dor
e delícia de ser o que é...*

caetano veloso



*Foto: Divulgação (SECOM
Governo do Estado)*

Dedicamos este livro-vozes-irmãs à Dona Lídia, mãe,

Ao Sr. Raimundo, pai

às irmãs Marly e Nazaré

ao irmão Manuel

aos filhos

Camila Kizzy e Yan Kalid,

de Francisca Trindade.

[SUMÁRIO]

Apresentação	10
Trindade: a boa semente germinada na luta do povo Sônia Maria Dias de Sousa	13
Caminhar juntas, um espaço em construção Maria Hortência Mendes de Sousa	27
Trindade Rosângela Carvalho Amorim	43
Trindade e uma escritura de nós Lucineide Barros Medeiros	59
Nas passadas da vida... SAUDADES E RECONHECIMENTOS! Lúcia Araújo e Silva	73
Trindade: a representatividade da mulher negra no en(canto) e na luta política Haldaci Regina da Silva.....	79
Negra menina, guerreira mulher! Francisca Maria do Nascimento Sousa.....	95
Francisca Trindade: O Protagonismo da mulher negra no parlamento Conceição de Maria de Sousa e Silva.....	109
Eu te oferto palavras! Assunção de Maria Sousa e Silva	125
Dados biográficos de Francisca Trindade	142
Sobre as Autoras	144



[APRESENTAÇÃO]

Esse livro é uma homenagem à Trindade. Ele surge motivado pela força da amizade, amorosidade e vigor da memória enquanto capacidade de reelaboração de experiência e vivência quotidianas nos mais variados campos que nos uniu. Antes da ideia ser lançada e compartilhada entre nós e outras amigas que não puderam participar, por várias razões, ele já era sonhado e nutrido. Nele está o que queremos e como queremos dizer sobre nossa amiga-irmã Trindade, e assim o fazendo, estamos, cada uma falando de nós mesmas e/ou de todas.

Francisca Trindade O poder e a Resistência da Mulher Negra busca evidenciar o que emana de uma jovem mulher, negra, pobre e de luta, que não se intimidou, não se rendeu e nem se apequenou diante de quem queria subjugar-la. Contudo, talvez com a mesma intensidade, estamos tratando de um tempo histórico e de contexto sociopolítico fértil de conflito, desigualdade, negação dos direitos, acirramento de disputas, mas também de combate, resistência e de construção de uma liderança popular aprumada no sonho de um mundo melhor. Assim se sonhava juntas/os na segunda metade do século XX e início do XXI.

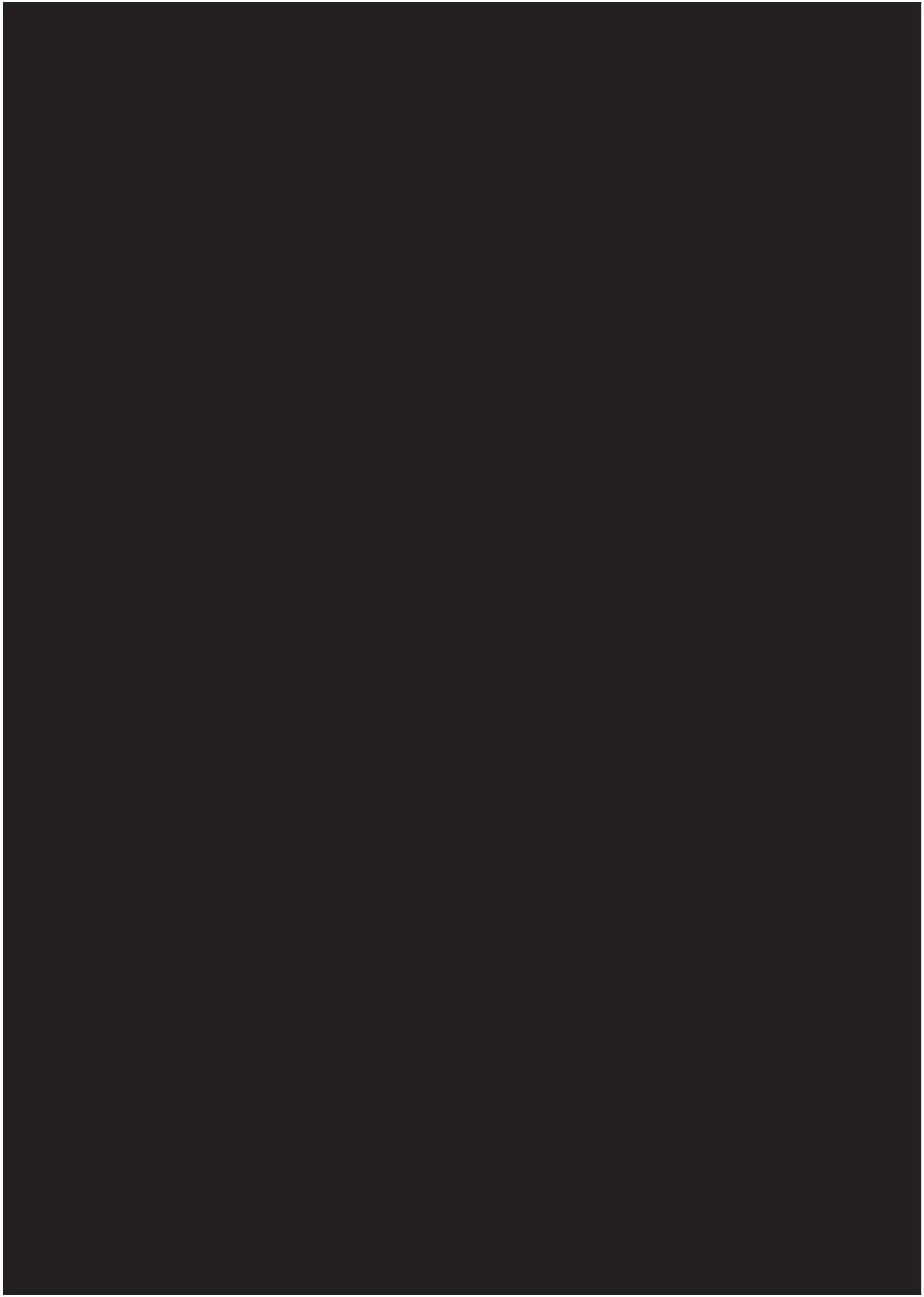
Quem ler este pequeno livro, encontrará nos textos a existência construtiva de Trindade no campo da política e dos afetos. O livro se constitui de oito artigos inéditos, elaborados por amigas, companheiras de trabalho e de luta que buscaram atravessar as brumas do tempo e recordar suas vivências com Trindade e home-

nageá-la como mulher, mãe, vereadora, deputada estadual, deputada federal ou militante feminista negra que teve uma passagem efêmera e singular entre nós. O/a leitor/a que agora se apropria do livro, nesses tempos de guerra e desalentos, também poderá relembrar um tempo passado que revela a dimensão geopolítica da cidade de Teresina, os anseios da população do Estado do Piauí com quem Trindade seguia na contramão do percurso vicioso da política tacanha. Os jovens de hoje terão a oportunidade de conhecer um pouco de uma mulher negra em ação, voz audível de um corpo que se ergueu.

Trindade ressoa e ressurgiu em cada gesto de desobediência civil, em cada negação às imposições domesticadas e em cada ato de reconstrução da luta para a urgente modificação de nossa realidade teresinense, piauiense e brasileira.

Boa leitura!

As autoras



***TRINDADE:*
A BOA SEMENTE
GERMINADA
NA LUTA DO POVO**

[Sônia Terra]

Pensar e falar na Trindade, sempre me remete a um emocionante passeio nas minhas memórias afetivas. É como um filme que nos prende em cada detalhe e nos deixa sempre uma sensação boa ao final. Sinto muito sua falta! Sinto sua presença nas lutas cotidianas e nos momentos festivos ou mesmo em situações rotineiras onde lembro de nossas conversas soltas e gargalhadas livres, ao som de uma boa música e uma cerveja geladinha nas noites teresinense. São tantas as lembranças...

Trindade e eu nos conhecemos nos corredores do Edifício Paulo VI, onde eu participava da JOC (Juventude Operária Católica) e ela, da PJMP (Pastoral da Juventude do Meio Popular, ambas ligadas à Igreja Católica. Nas atividades juvenis e cheias do desejo de mudarmos o mundo, fomos entrelaçando os laços de afeto com uma participação, cada vez mais, firmada nos sonhos coletivos. Era um momento em que a Igreja Católica nos apresentava uma visão mais progressista, pautada na Teologia da Libertação, e nós, com outras tantas companheiras e companheiros, deixávamos fluir toda nossa força cristã, jovem e “revolucionária”, dentro da filosofia “Fé e Política”.

Rememorar essa trajetória de Trindade me traz um sentimento de gratidão por tantas partilhas vivenciadas. Trindade se destacava sempre nas discussões, com posições bem definidas e

também com o seu carisma, que agregava as pessoas ao seu redor. Tinha uma vivacidade encantadora e uma determinação marcante naquilo que defendia.

Trindade, na minha opinião, sempre teve pressa de viver. Vivia tudo que fazia com uma intensidade de corpo e alma. Sua vida sempre foi intensa... Verdadeira. Sempre foi, também, uma contínua indagação diante das adversidades da vida e total indignação diante das injustiças e desigualdades sociais.

Falar de uma mulher como Trindade perpassa por lugares diversos já que era uma multiplicidade de mulheres reunidas em uma só. Aqui, quero falar da mulher de sonhos grandes e coletivos. Falar do despontar político de uma companheira que, no auge das décadas de 1980 e 1990, abriu novos caminhos e inspiração para todas nós. São muitas memórias, desde nossas reuniões nas pastorais, encontros de formação regados pela utopia de uma sociedade “Justa e Fraterna para Todos” as cantorias nos quintais de nossas casas, deixando fluir a juventude latente em todas nós.

Fazíamos parte de um grupo de amigas forjado na cumplidade das lutas e da vida. Movidas por uma vontade infinita de mudar o mundo, de transformar nossa realidade em melhores condições de vida e trabalho. Vivíamos uma época difícil, onde nossa presença nas ruas era reprimida pela cavalaria que nos tirava o direito manifestação livre. Nos movimentos sociais ainda convivíamos com a cultura do machismo e do racismo que igualmente predominava na sociedade. Mesmo diante de tudo isso, fomos abrindo espaços de fortalecimento de nossas vivências.

E foi nessa ciranda de mulheres fortes e conscientes de sua participação no mundo, que Trindade foi trilhando seus passos e projetando sua maior inserção como mulher negra. Uma mulher que não fugiu da luta e que não se perdeu de sua história... Uma mulher que ousou ocupar espaços predominantemente brancos e colonizadores e que aguentou a dor de conviver com o racismo e o machismo sem jamais se submeter ou calar a sua voz que sabia se fazer forte, mesmo que muitas vezes tenha chorado no colo acolhedor das amigas, a dor de ser uma mulher negra na política, contrariando as práticas viciadas tão presentes nesses espaços. Uma mulher que nos representava e agregava os sonhos de uma geração... Uma mulher que enfrentava sem medo o poder opressor e acolhia com amor o povo que defendia.

Momentos especiais com Trindade também foram vivenciados quando nos unimos em torno da fundação do Grupo Afro Cultural “Coisa de Nêgo”, em 1990. Foi um momento em que trouxemos as questões raciais com maior força, através da história e cultura negra. Em torno do Coisa de Nêgo, nossa luta antirracista foi ganhando voz na cidade, chegando nas escolas, universidades e nossas comunidades, através de palestras, mas sobretudo pelo nosso canto, dança e o rufado dos tambores.

Trindade era parte importante dessa construção. Trindade, Lúcia Araújo e eu éramos as cantoras principais naquela irmandade que nos referendava enquanto mulheres negras. Impossível esquecer a beleza e a força de sua voz cantando o afoxé e o samba reggae... Ela se transformava quando cantava. Era só leveza e alegria no palco, onde com o carisma que marcava sua existência, agre-

gava cada vez mais admiradores e firmava suas posições políticas enquanto mulher negra.

Foram muitos os carnavais em que ela brilhando na avenida e nos espaços por onde circulávamos, deixava fluir toda sua essência de mulher negra no seu canto, na sua dança, na sua ancestralidade. A Trindade era vista na sociedade como uma referência potente no “Coisa de Nêgo” e de fato o era, mas para ela, o grupo era o espaço onde ela podia dar maior visibilidade a sua história de mulher negra, onde ela se permitia ser livremente feliz com toda sua irmandade negra.

De Esperança Garcia a Lélia Gonzalez, as insubmissões de Francisca Trindade!

O Piauí traz na sua história, só recentemente reconhecida, o legado de Esperança Garcia, uma mulher negra escravizada, semialfabetizada pelos padres jesuítas. Em 1770, foi capaz de denunciar a realidade de maus tratos que ela e os seus pares sofriam, através de uma carta ao Governador da Província, mesmo diante de todas as adversidades da escravização a que era submetida. Esperança Garcia nos ensinou e segue ensinando a força ancestral da resistência.

Assim me arrisco a dizer que Trindade carregava a coragem e o atrevimento de Esperança Garcia e a ousadia das muitas mulheres negras, reconhecidas ou anônimas, que nunca aceitaram passivamente as amarras que lhe são impostas. Uma coragem que

se manifestou muito cedo e de forma coletiva, quando ainda bem jovem iniciou sua participação nos grupos da Igreja Católica e passou a se integrar na vida da sua comunidade, através da Associação de Moradores, seguida de uma atuação mais ampla em todo o Estado, na Federação de Associações de Moradores e Conselhos Comunitários (FAMCC-PI). Sua altivez e determinação foram, a partir daquele espaço, de luta no movimento popular por moradia, um incômodo para os poderosos que detinham suas 'lideranças' pautadas no desrespeito e desvalorização da vida da população mais empobrecida e, inegavelmente, na sua maioria negra.

Sua incansável luta no movimento de moradia, rendia-lhe, cada vez mais, uma consciência de classe, gênero e raça. Firmava e fortalecia seu espaço enquanto cidadã, mulher e negra. Enquanto militante que desafiava sem medo as injustiças, trazendo na sua voz o grito das muitas vozes caladas pela opressão e marcadas pelas desigualdades sociais e raciais.

Esse processo do despertar como mulher negra nos remete a Lélia Gonzalez, quando nos diz que

A gente não nasce negro, a gente se torna negro. É uma conquista dura, cruel e que se desenvolve pela vida da gente afora. Aí entra a questão da identidade que você vai construindo. Essa identidade negra não é uma coisa pronta, acabada. Então, para mim, uma pessoa negra que tem consciência de sua negritude está na luta contra o racismo. As outras são mulatas, marrons, pardos etc.''. (GONZALEZ, 1988)

E assim, nesse processo da luta, a questão da identidade racial de Trindade foi se construindo e se consolidando cada vez mais forte como mulher negra.

Em meio a toda uma efervescência dos movimentos sociais e sua incansável militância, Trindade também já tinha feito a sua opção política partidária. Naquele momento, era quase natural que a nossa militância, advinda das pastorais, do movimento popular, sindical e cultural, migrasse para o Partido dos Trabalhadores (PT) e assim foi com Trindade.

No PT, sua atuação não foi diferente, assumindo sempre posições ideológicas de esquerda, enquanto mulher negra, vinda da periferia e que sabia onde queria chegar na luta individual e coletiva. Sua trajetória dentro do partido foi marcada por fortes emoções, que somou muitas brigas para conseguir firmar o seu espaço como mulher e como negra, com uma determinação que não permitia papéis secundários ou submissos a ótica machista e racista que permaneciam ainda arraigados nas instâncias de direção do partido.

Destacava-se pela eloquência de seu discurso, pelo seu compromisso com os mais pobres e oprimidos, pela coerência de suas práticas e pela sua dinamicidade, mas também por toda sua jovialidade e alegria, sempre presentes, em um dos sorrisos mais encantadores que conheci. Um fato marcante e que é preciso registrar, é que a primeira candidatura de Trindade não veio apenas de um desejo pessoal dela, mas de um desejo coletivo nosso.

Na sua primeira candidatura para vereadora de Teresina, ela havia sofrido um grave acidente que a deixou hospitalizada e por

meses imobilizada, com sequelas na sua perna e foi nessa situação que um grupo de amigas e amigos tomaram a frente coletando assinaturas até atingir o número suficiente para lançar o seu nome na convenção do partido. Nascia ali sua vida parlamentar, pois mesmo não tendo sido vitoriosa nessa eleição, ficou como suplente e em uma atitude inovadora naquela época, dividiu o mandato com o vereador eleito, Wellington Dias, ganhando o reconhecimento enquanto parlamentar comprometida com a pauta da população mais empobrecida.

Como Vereadora, Deputada Estadual e a Deputada Federal mais votada na história do Piauí nas eleições de 2002, Trindade se tornou uma referência na luta pelos excluídos e excluídas. Suas ações demarcaram quebra de paradigmas na política local, colocou mais próximos os anseios do povo, a luta dos direitos humanos e permitiu uma maior presença da população negra na Câmara de Vereadores de Teresina e na Assembleia Legislativa do Piauí. Era crescente sua representatividade política em todo o Piauí. Sua atuação no parlamento era marcante, potente, carismática e cada vez mais agregadora.

O passo seguinte da trajetória política de Trindade já se desenhava para uma candidatura à Prefeitura de Teresina, quando na festa de comemoração pela sua estrondosa votação para Deputada Federal, uma multidão lotava a Praça Pedro II e quando ela iniciou seu discurso, sua voz foi abafada por um coral que unísono repetia: “Prefeita! Prefeita! Prefeita!...”.

27 de julho de 2003, aos 37 anos, sua voz silenciou nessa dimensão terrena, mas seu legado segue movendo nossas histó-

rias de lutas e resistência. Sua história nos ensina, nos inspira, nos ajuda a perseverar os sonhos e seguirmos construindo, escrevendo e protagonizando novas histórias para as mulheres negras.

...Mostra tua força na luta com o povo

Refaz tua história, guerreira de novo...

“A dor e a delícia” de SER Francisca Trindade

A amizade é um amor que nunca morre.

Quando paro hoje para pensar sobre Francisca Trindade, minhas memórias afetivas deixam aflorar a imagem da filha amorosa e irmã cuidadosa, da tia coruja e orgulhosa dos sobrinhos e sobrinhas, da moradora feliz em sua comunidade, que adorava cantar:

...Sou feliz é na comunidade, na comunidade eu sou feliz...

(autoria anônima)

Lembro da sua voz cantando forte no “Coisa de Nêgo” ou cantarolando feliz em nossas reuniões...revejo a amiga atenciosa e as nossas muitas partilhas no carinho dessa amizade...da mulher que viveu a força do amor e se realizou como mãe de Camila Kizzy e Yan Kalid. Penso com gratidão e alegria da sua escolha para que eu fosse a madrinha de batismo de sua primeira filha, Camila Kizzy,

tornando mais forte a amizade que nos unia. São muitas lembranças e uma certeza: a dureza da política não lhe tirou a doçura de ser e de viver!

Gosto de lembrar de Trindade como alguém sempre presente em minha vida e como uma inspiração que sempre me dar a certeza de que nós podemos atravessar as dores e construirmos juntas, projetos coletivos. Gosto de imaginá-la em nossas rodas de conversas soltas, gargalhando pra vida e zombando de quem dizia que não podíamos e que alguns espaços não nos pertenciam. Gosto de lembrar que ela vivia suas fragilidades sem perder a sua fortaleza...

Não foram poucas as vezes que ela permitiu se desnudar e dizer também dos seus medos e dores diante a fúria dos seus opositores, do desrespeito dos seus pares... chorava diante de situações de injustiça e se erguia quando via qualquer possibilidade de ajudar, de erguer a sua voz a favor de tudo que defendia. Por vezes, confessava que estava cansada e que sentia necessidade de ficar mais tempo com a família, de ser mais livre para viver as coisas simples da vida, mas, não demorava muito a dizer que sua missão era maior. Ela tinha total consciência do quanto representava para a maioria da população de Teresina e do Piauí. Ela tinha plena certeza da “dor e delícia” de ser Francisca Trindade!

Nós, que com ela vivemos e aprendemos, temos a certeza de que ela segue sendo semente!

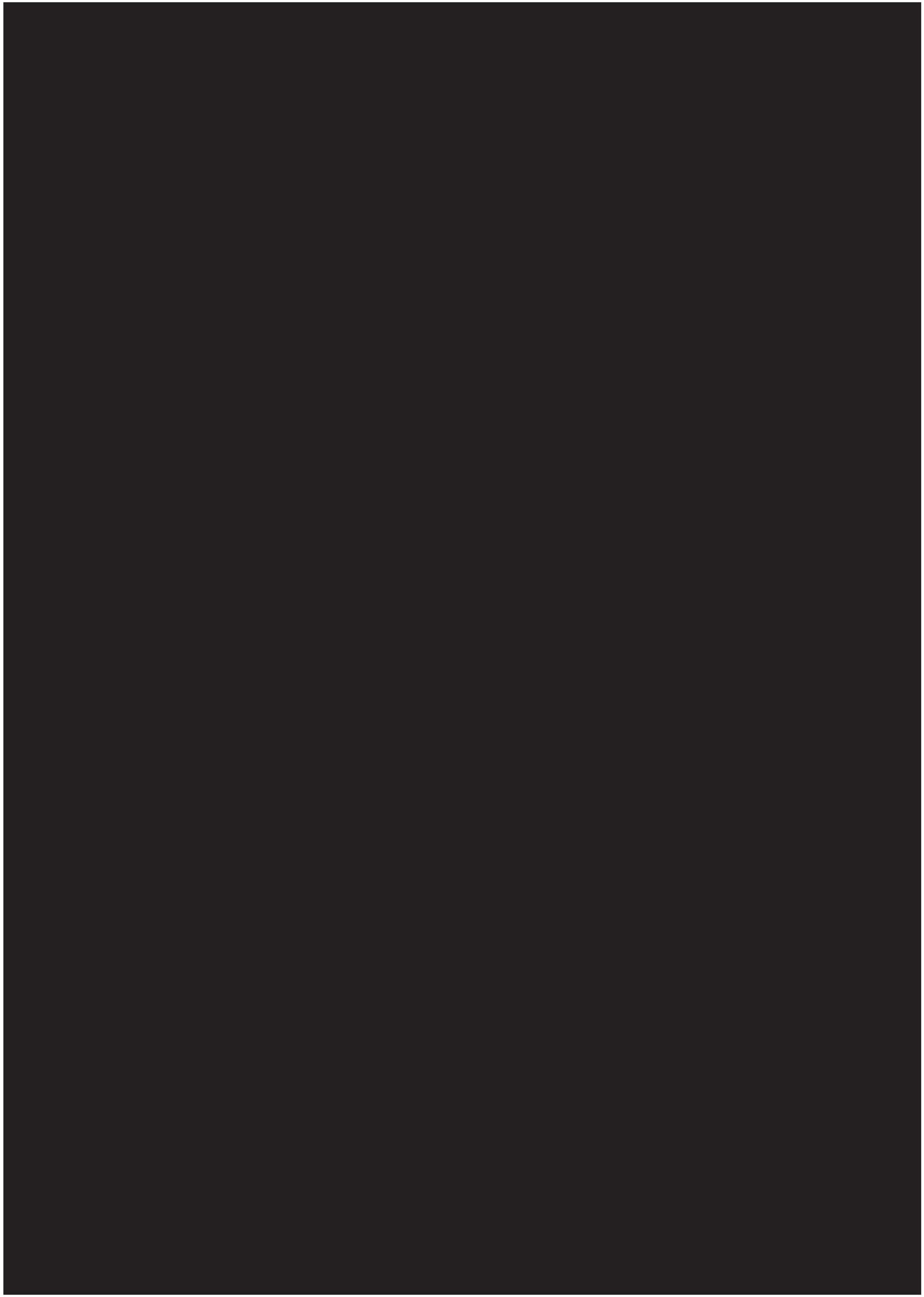
Referências

SOUSA, Maria Sueli Rodrigues; SILVA, Mairton Celestino. (Orgs). *Dossiê Esperança Garcia: símbolo de resistência na luta pelo direito*. Teresina: EDUFPI, 2017.

BARRETO, Raquel. *Uma pensadora brasileira*. 2019. Disponível em <https://revistacult.uol.com.br/home/lelia-gonzalez-perfil/> Acesso em: 07 de maio de 2021.

VELOSO, Caetano. “Dom de Iludir” – LP Totalmente Demais – Gravadora Philips Records – ano 1986

TERRA, Sônia, BEZERRA, Assis – “Filha da Cor” - CD Bongô de Malê -Gravação: Escandinaviu Estúdio/Nota Musical - Ano 1999.



CAMINHAR JUNTAS, UM ESPAÇO EM CONSTRUÇÃO

[Maria Hortência Mendes de Sousa]

*Agora não se fala mais
Toda palavra guarda uma cilada.
(Torquato Neto)*

Sorrisos e olhares

Trago vivo na lembrança como se vivesse hoje, diversos sorrisos e olhares da Trindade, assim como falas e procedimentos que ao longo de nossa vivência marcou nossa história.

Conheci Trindade quando ela tinha 17 anos, participando do grupo de jovens da Água Mineral e da organização comunitária do mesmo bairro. Findava a década 1970, respingava ainda sobre nós e toda a sociedade brasileira os estilhaços sangrentos da ditadura militar, apesar disso ou mesmo com esses resquícios ditatoriais e da repressão, estávamos em pleno desenvolvimento organizativo da Pastoral de Juventude e da Pastoral de Juventude do Meio Popular – PJMP - seguimento juvenil da Igreja Católica no Brasil.

O objetivo da PJMP era organizar a juventude pobre, negra e feminina no intuito que esse público obtivesse voz e vez dentro da Igreja e na sociedade. Um ideal libertário recheado de sonhos que eram sonhados quando estávamos acordadas e bem despertas.

Para concretizar sonhos e ideal, a ação mais plausível era visitar os mais diversos grupos de jovens na tentativa de manter uma corrente de ligação entre os mesmos e assim dar corpo à organização da PJMP que existia para mobilizar a juventude empobrecida nos bairros de todo o Brasil.

A ditadura militar imprimiu marcas fortes nas organizações e a Igreja católica não ficou imune, expressava restos da ditadura em sua organização hierárquica. Um dos objetivos da PJMP, portanto, era quebrar a armadura hierárquica da Igreja que coibia totalmente a participação efetiva da juventude nas decisões e na coordenação de suas ações. Os resquícios da ditadura eram também impedimentos para avanços e organizações.

O caminho pedagógico percorrido pela Pastoral era o da inserção e imersão nas comunidades através dos grupos de jovens. A ação se dava em Teresina e em outros municípios do Estado. A mobilização da juventude era a meta a ser alcançada, o caminho a ser percorrido, o sonho que sonhávamos acordadas. O ideal libertário, o sonho sonhado por muitas pessoas jovens se transformou em uma luta política e religiosa.

Política, pois estávamos nas comunidades, éramos tão jovens, todas negras, pobres e estudantes que na sua maioria conhecia na “carne” toda a dor e delícia de ser o que é.

Ao organizarmos os grupos de jovens nos inseríamos também nas comunidades e em suas lutas diárias que eram políticas; querer e lutar por direitos básicos como moradia, educação e saúde de qualidade. Saneamento, emprego, justos salários, oportuni-

des de trabalho para a juventude e uma política séria de cultura. Uma vida digna era o que buscávamos. Assim a luta da juventude era um confronto direto com os “poderes” constituídos nos municípios e no Estado onde os resquícios ditatoriais eram ainda muito fortes e evidentes.

Travávamos uma luta religiosa, pois teimávamos em levar para a hierarquia da Igreja as necessidades urgentes da juventude empobrecida, dialogar sobre questões juvenis que diziam respeito preferencialmente a nós e que impactavam sobremaneira nossas vidas. Ao nos inseríamos nas comunidades nos defrontamos com nossos problemas. A Juventude ali residente sofria como nós. Assim ficava mais evidente para nós a necessidade de a Igreja enfrentar conosco toda essa problemática a fim de nos ajudar a entrelaçar Fé e Vida. Os temas eram por demais instigantes, cito alguns

- Sexualidade - esse tema era repleto de preconceitos e tabus. Como viver uma sexualidade sadia quando o mito da virgindade feminina que era vista como obrigatoriedade nos arrastava para a opressão masculina? Esse fato trazia para nós mulheres adolescentes e jovens graves problemas como assédio e abuso sexual, estupro e gravidez precoce;

- Pobreza extrema - a maioria de nós jovens da época tínhamos famílias grandes, onde pai e mãe mesmo trabalhando duro tinham dificuldade de sustentá-la. Fato que obrigava a nós trabalharmos bem cedo, mesmo criança. Á época o Brasil ocupava um dos primeiros lugares em concentração de renda no mundo;

- Pouca escolaridade - na época o analfabetismo entre pessoas acima de 10 anos chegava a 30%. Trazendo dificuldades diversas, inclu-

sive de organização. Promovendo baixa estima e submissão;

- Falta de moradia digna, de alimento suficiente de água de qualidade e saneamento adequado era o “normal” no nosso dia a dia fato que contribuía também para a pouca organização da juventude empobrecida e de sua baixa estima;

- Ausência e desconhecimento dos direitos por parte das populações empobrecidas que habitavam as periferias e sequer almejavam a conquista de alguns direitos, nem os individuais nem os direitos sociais, pois eram conceitos distantes de nós e um debate ausente da população. Menos ainda eles estavam integrados ao Estado e ao Poder; igualdade de direitos e liberdade de expressão eram também conceitos distantes;

Esses eram os temas da vida real que almejávamos que fossem a centralidade dos debates da Igreja católica e que, a partir desses debates ela tomasse para si as problemáticas vividas pela juventude. Pela Juventude do Meio Popular.

Foi nessa Seara, nesse emaranhado de acontecimentos, em meio à luta e alegria e organização juvenil que conheci Trindade com seu sorriso metade alegria, metade tristeza. Seu olhar aguçado para os problemas e esperançoso de encontrar soluções. Jovem, inteligente, voz marcante, tenaz e simples já se colocavam à frente da organização do grupo.

Logo que surge a oportunidade de participar da coordenação diocesana da PJMP de algumas pessoas dos bairros o nome da Trindade foi o primeiro a ser lembrado. Não sem conflito, visto que travávamos uma queda de braço com a hierarquia da Igreja em re-

lação principalmente às temáticas e às diversas forma de organização da juventude. Acontece uma ruptura entre a juventude e a hierarquia os bispos. Eles não nos convidaram para sentar e conversar preferiram expulsar toda a coordenação. Outras pessoas precisariam ocupar esses lugares. Trindade foi uma dessas pessoas.

Esses eventos nos trouxeram muito sofrimentos, mas não arrefeceram nossa luta. Mesmo sem a anuência dos Bispos ainda fomos recepcionar o papa com nossas celebres faixas: SANTO PADRE O POVO PASSA FOME e PIAUI: POVO SEM VEZ¹ (1980). Essas faixas se transformaram em um fato político e religioso. A hierarquia não nos aguentou mais.

A PJMP estava organizada não só no Piauí, mas em todo o Nordeste de forma efetiva. Trindade então assume a coordenação dessa pastoral e passa a dar uma contribuição significativa. A sede ficava no Edifício Paulo VI, na esquina entre Rua Gabriel Ferreira e Desembargador Pires de Castro.

Um endereço por demais conhecido de todos os movimentos, pois essa sala pequena transforma-se em um espaço político de grande importância onde se reunia o Movimento de Mulheres de Teresina. Ali se inicia as discussões da criação do movimento negro no Piauí e sediava outras pastorais como Pastoral Universitária, Pastoral da Terra, JOC – Juventude Operária Católica etc.

Trindade organizava o espaço da melhor forma possível. Gentil com todas as pessoas. Mesmo com seu caráter forte. Todas

¹ Essas faixas foram exibidas no ato da visita do Papa João Paulo II, no aeroporto de Teresina, em 8 de julho de 1980, foi confeccionada por jovens da Pastoral de Juventude do Meio Popular de Teresina.

as tardes íamos ao endereço para trocar ideias sobre os trabalhos e dar continuidade à organização, mesmo sem participar da coordenação. Lembro que Trindade ficava na janela a espreitar a rua e logo que avistava uma de nós, sorria. Um sorriso de alegria e esperança, tanto para ela como para nós.

Não durou muito, mas uma vez a hierarquia da Igreja interveio e impediu que o espaço servisse aos movimentos. Nos afastamos. Fomos em busca de outros lugares físicos e políticos para continuar nossa labuta na construção do Novo. Trindade resistiu, continuou na articulação da PJMP. Com a chegada de D. Miguel como arcebispo de Teresina, ela desenvolve um bom relacionamento com ele e o trabalho toma novos rumos e se fortalece.

Mesmo assim a hierarquia foi mais forte e no Brasil inteiro esse trabalho da PJMP foi sufocado restando apenas alguns núcleos de resistência. Ainda hoje há em algum canto de uma diocese ou paróquia juventude empobrecida que chama para si a organização da PJMP.

Falas e gestos

Nesse período meu caminho e da Trindade ficaram distantes. Ela foi organizar a FAMCC e eu continuei como meu trabalho com as mulheres e na comunidade do Km-7. Trindade se notabilizou na organização comunitária que era a base da FAMCC. Se tornou conhecida em toda cidade e Estado. Promoveu centenas de mobilizações das comunidades na luta por moradia, saúde e educação e tantos outros direitos que agora sim já faziam parte do nosso dia a dia.

Nossos caminhos se entrelaçaram depois em dois espaços de luta e organização. O movimento negro. Organizamos juntas com outras amigas e amigos o *Coisa de Nego*. Grupo cultural que prima pela cultura afro dando outros significados para a música e costumes que herdamos de nossa mãe África. Nesse espaço foi onde percebi as melhores e mais entusiasmadas falas da Trindade. Um local onde percebi que ela realmente se encontrou. Não era só organização e luta era Vida que ela deixava emanar nas suas falas e discursos.

Trindade se conectou de verdade com a negritude que o grupo pulsava. Ali o preconceito não tinha vez. E ela tinha vez e voz. Sua fala virou canto e música e dança. Ali vi uma Trindade feliz. Fato que levou a mesma a ter gestos de gratuidade e solidariedade bem fortes. No *Coisa de Nego* ela fazia o que gostava.

Continuamos amigas e sorriamos muito juntas. Andávamos muito juntas. Pessoas achavam que erámos irmãs. Os gestos de amizade nos fazem amigas/irmãs.

Outro espaço que trilhamos juntas foi o espaço partidário. Ela chegou no PT, eu já estava. Como sempre a presença dela era muito marcante, muito convincente. Tinha gestos ativos. Algumas pessoas viam como gestos autoritários. Cada ser com sua interpretação. Nesse espaço não vi mais a Trindade tão feliz, mas uma Trindade “adulta”, séria. O espaço político partidário nos separou. Mesmo estando no mesmo partido sempre estivemos em lados distintos. Eu na esquerda e ela no centro esquerda se é que existem esses espaços.

Debates acirrados sobretudo. E nós duas sempre em lados separados em quase todas as questões. Mas quando me casei e fui morar em Fortaleza, Trindade fez um gesto inesquecível para mim. Um gesto carinhoso, Fui sozinha para a morar em Fortaleza e ela, como amiga, dispôs-se a me acompanhar, ficou comigo na cidade por uma semana, até que eu me instalasse de verdade. Foi um gesto de Amor.

Mas foi no Partido que a fala da Trindade se fez mais forte e imponente. Quando regresssei de Fortaleza a encontrei emponderada. Outra Trindade. Fortalecida politicamente. Continuamos em lados diferentes. O Partido nunca foi um espaço homogêneo e se travava dentro dele todas as lutas que fazíamos fora dele.

Quando tive meu segundo filho, combinamos que ela seria a madrinha. Ficamos tão distantes nesses tempos que nunca batizamos o Tunai. Mesmo assim o sentimento de comadre sempre houve entre nós. Fora isso nossa relação de intimidade não existia mais. As campanhas eleitorais eram tempos tristes e violentos e falamos de amizades perdidas e carinhos desfeitos.

Trindade vivia em um conflito constante entre ser a delícia ou a dor dentro do Partido. Veio o acidente que a deixou com problemas na locomoção. Mesmo assim se candidatou. Ocupou dois anos depois um lugar na Câmara Municipal. Participamos desse momento dando a ela nossa total solidariedade, pois naquele espaço uma jovem negra sofria diversos preconceitos e constrangimentos mesmo sendo vereadora.

Sua carreira política foi vertiginosa. 04 anos depois era deputada estadual. Tivemos outras divergências enquanto mulheres.

Eu, militante do movimento feminista, e ela a primeira mulher negra deputada estadual queria abrir mão da licença maternidade quando engravidou, por não haver no estatuto daquela casa nada referente. Nem chegamos a conversar pessoalmente, ela falou em na TV e eu em outra a retruquei dizendo: “Não há nada sobre licença, maternidade porque não havia nenhuma deputada grávida. Agora há, então, mudem o regimento. Não deixem que nossa luta por direitos se esvai nas mãos de homens que só escrevem lei para si mesmos”.

Ela teve outro gesto de altivez. Foi à luta e conquistou seu direito de usufruir da licença maternidade dentro da Assembleia Legislativa. Mesmo distante fisicamente nos ligamos emocionalmente na luta pela dignidade da mulher. Trindade mesmo não tendo sido uma militante assídua do movimento feminista, de certa forma contribui com sua ação e gestos parlamentares para o avanço e consolidação de muitas lutas no âmbito parlamentar e comunitário que beneficiam as mulheres

Mais a distância entre nós aumentou muito. Praticamente não nos encontramos mais em nenhum momento, enquanto ela era deputada estadual. Nos perdemos mesmo. Sai do Partido e do movimento negro. Foi somente na campanha para deputada federal que ela teve outro gesto tão ativo e tão cheio de bondade que me deixou bem feliz. No meu aniversário daquele ano, em julho, ela foi na minha casa. Fiquei feliz e ela me perguntou o que eu achava dessa campanha se era bom ela ir para Brasília. Ela tinha alguma certeza de que se elegeria. Discordei. Mas ela não me levou a sério. Se elegeu.

Conversamos muito pouco. Mas em alguns telefonemas me pediu para ajudá-la no mandato, me dispus a escrever algumas coisas que ela precisasse principalmente sobre mulher. Ela teve um último gesto de altivez e me pediu o discurso para ela proferir no 08 de março daquele ano. Eu redigir. Conversamos sobre ele algumas vezes até chegarmos à versão que ela aprovou.

No dia 08 de março, ela leu o que escrevi na Câmara Federal. Demonstrou então uma compreensão feminista que eu nunca havia percebido antes. Foi nosso último encontro emocional. Nunca mais nos encontramos pessoalmente.

Saudade da Trindade.

Saudade da Trindade

Não da vereadora

Mas da companheira

Da amiga

Da comadre.

Saudade da Trindade

Não da política petista

Mas da agente de Pastoral

Da Pastoral de Juventude do

Meio Popular.

Saudade da Trindade

Não da deputada

Mas da filha de dona Lídia

Da negra ativa e bonita
Saudade da Trindade
Da cantora do Coisa de Nego
Da moça da FAMCC
Da mulher de coragem e vigor
Saudade da presença
Do sorriso e da voz
Do olhar perdido na imensidão
Do gesto de gratidão
Da briga e do perdão.
Saudade da Trindade.

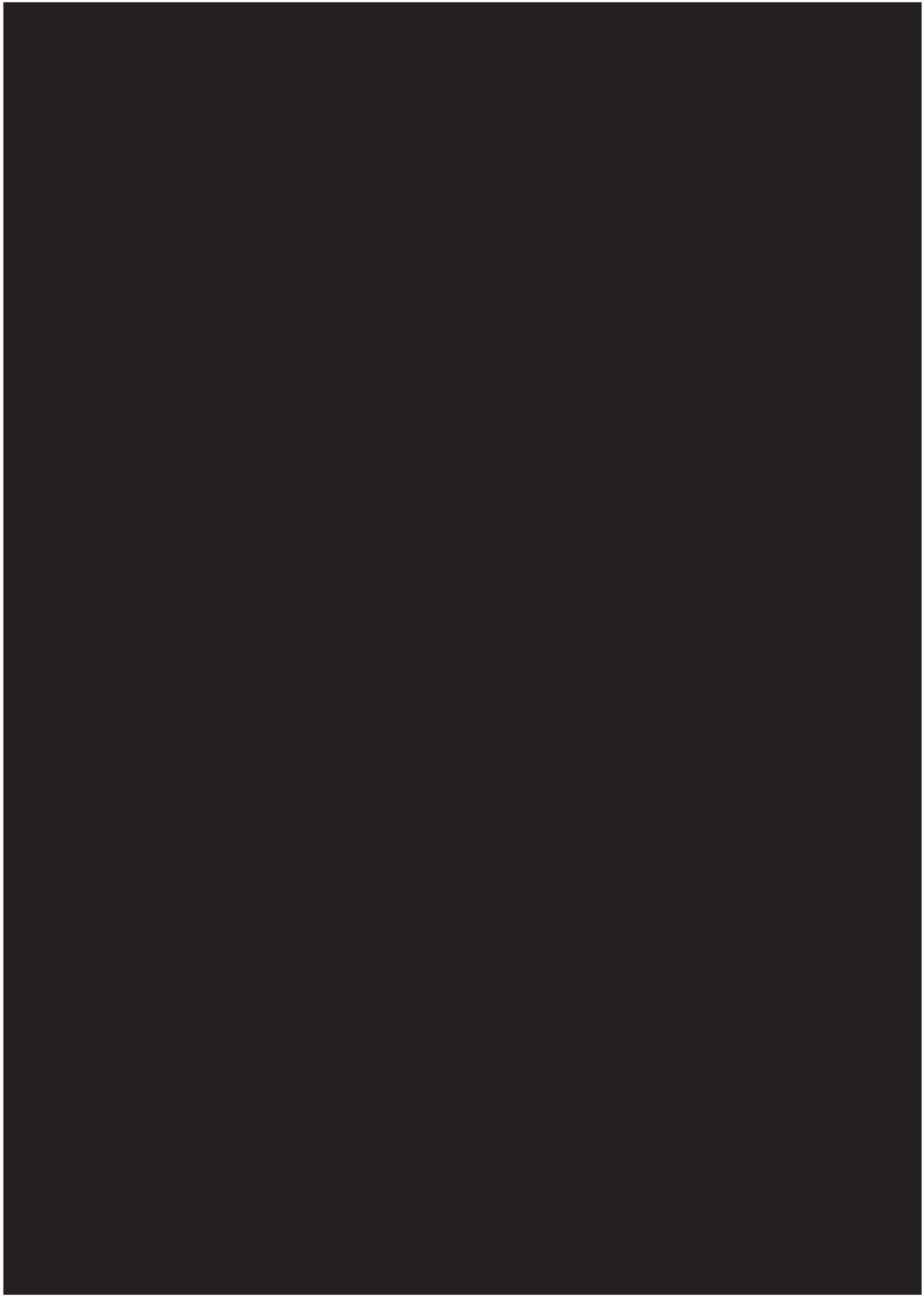
Poema escrito por mim em março de 2010.

Referências

VELOSO, Caetano. “Dom de iludir”. In. (CD). Noites do norte. Ao vivo. Produções Artísticas Ltda, Gapa - Guilherme Araujo Prod. Art. Ltda.

NETO, Torquato. “Literato cantábile”. In. *Torquatália I: Do lado de dentro*. Rio de Janeiro: Rocco, 2004).

SAFATLE, Vladimir; TELES, Edson. (Org.). *O que resta da ditadura - a excessão brasileira*. São Paulo- Boitempo, 2010.



**TRINDADE:
PARTICIPANDO
SEM MEDO DE SER
MULHER**

[Rosângela Carvalho Amorim]

A minha relação com a Trindade começa na Pastoral de Juventude do Meio Popular e Pastoral de Juventude. Eu estava na Comissão do Nordeste e Brasil e ela fazia parte do Regional Nordeste IV. Trindade era secretária da Pastoral de Juventude da Arquidiocese de Teresina e trabalhava no Edifício Paulo VI, quando Dom Miguel Câmara era arcebispo. Crescemos juntas na organização dos jovens, eu ligada mais a uma experiência de uma cidade de interior (Esperantina) e ela ligada à realidade da periferia urbana de Teresina.

Vimos de uma formação de igreja fundamentada nas Conferências Episcopais de Medellín (1968) e Puebla (1979), que orientava a atuação da Igreja Católica em direção às periferias onde a opção preferencial pelos pobres e, neste particular, a organização dos jovens pobres era fundamental.

As circunstâncias em que se encontravam o Brasil e a América Latina, não só de pobreza material, mas privada das liberdades fundamentais dentro de um contexto de ditadura (Brasil, Chile, Peru, Argentina etc.) forçaram a igreja a tomar uma posição a favor dos mais pobres, naquilo que representou a Teologia da Libertação, a partir da organização das Comunidades Eclesiais de Base. Era o “novo jeito da igreja ser”².

2 In. BOFF, M. Clodovis, OSM “A Originalidade Histórica de Medellín”, <<https://servicioskoinonia.org/relat/203p.htm>>, acessado em 03/07/2020.

Essa formação vivida nos anos 80 nos levava a um engajamento político onde a participação na sociedade civil organizada era fundamental. Os jovens eram chamados a atuar na esfera política, nas associações de moradores e nos sindicatos para reivindicar e propor mudanças substanciais na estrutura política e social do país. Daquele grupo de jovens do meio popular, diversos se tornaram lideranças de associações, sindicatos, entraram em campanhas políticas como candidatos, mas a pessoa que teve uma expressão mais forte desse engajamento foi a Trindade.

Como suplente de vereadora em 1992, assumiu a vaga de Wellington Dias em 1994 e, em 1996, Trindade foi eleita para a Câmara Municipal de Teresina como vereadora pelo Partido dos Trabalhadores. O destaque da sua atuação fez com que ela se apresentasse em 1998 como candidata a Deputada Estadual e é eleita. Pela primeira vez na história da política piauiense uma mulher foi eleita para compor o legislativo a nível de Estado, não era de linhagens familiares abastardas da política tradicional, mas vinha da categoria social mais pobres da sociedade, oriunda do bairro da periferia de Teresina. Até então, as mulheres eleitas como deputadas, entravam na política como uma extensão do núcleo familiar masculino, o pai ou marido. Conforme Sousa a inserção das mulheres decorria da integração familiar

a inserção das mulheres na política do Piauí...por integrar uma família com uma vivência política - o pai..., o marido... o que facilitou o apoio não só da população como dos pares políticos” (SOUSA, 2008, p. 22)

Em 1997, quando Trindade estava na câmara Municipal me chamou para compor sua equipe. Essa minha participação durou

pouco porque tive uma gravidez de risco que requereu repouso com licença médica.

Em 1999, já como deputada, Trindade me chama novamente para compor sua equipe na condição de chefe de gabinete. Esse convite para mim foi uma surpresa, no auge da sua carreira política, com tantas pessoas em torno dela, de repente ela me chama e me senti honrada pela consideração que ela teve por minha pessoa. Ela precisava de alguém que coordenasse sua equipe de trabalho, depois já de duas experiências anteriores com outras pessoas. Não foi uma coisa simples, porque sua equipe era muito heterogênea, ela chamou para o seu mandato pessoas muito próximas a ela, mas também técnicos com uma competência específica que não necessariamente fosse vinculada à sua visão política. Devo concordar que tinha um jogo de equilíbrio já ali dentro.

Vim saber depois de assumido o cargo que Trindade estava grávida e que iria se casar. Hoje, 20 anos depois, leio isso como uma espécie de afago. Trindade me chama num momento particular da sua vida pela confiança e pelo cuidado que ela sabia que eu teria com o seu mandato e com seu nome. Claro que ela via em mim uma competência, mas misturada com essa irmandade que representou a nossa história de lutas e de vida nos movimentos de igreja populares do Piauí. Dali já previa uma situação futura quando tivesse que se ausentar para a licença maternidade.

Ressalto alguns elementos particulares dessa breve convivência que tive com Trindade:

A primeira coisa, **a vida como mulher dentro de um contexto completamente masculino**. Trindade era uma mulher de combate, muito autêntica e coerente na sua prática. A condição

de mulher, negra e das classes populares não a diminuía. Era um problema dos outros, ela sabia por que estava ali e quem ela representava. Faço uma referência aqui a um livro publicado em 1990, de Rose Maria Muraro, uma das vozes mais importantes do feminismo no Brasil “*Os seis meses em que fui homem*”, onde ela relata e reflete o que viveu como candidata à Assembleia Constituinte de 1988:

Os seis meses em que fui homem é [...] uma catarse. Quis escrever tudo o que sei sobre o mundo masculino para que os homens e mulheres possam compreendê-lo como eu o vi [...]. Porque continuo no mundo masculino, mas rejeito-o radicalmente. E com ele também rejeito o outro lado, o mundo doméstico que o sistema destinou à mulher e que é o suporte deste sistema. Porque a casa é boa, porque ela é um oásis num mundo assassino, é que este mundo ainda não explodiu. Quero, sim, um mundo novo. Mas, para conhecer esse mundo, é preciso que você entre comigo na emoção das dimensões do poder que eu vivi. (MURARO, 1990, s/p)

Viver nesse espaço de poder completamente masculino foi um desafio muito grande pra Trindade. Ela conhecia as regras e sabia que os entraves eram especialmente porque a única deputada do Partido dos Trabalhadores, na Assembleia, e jogava com o seu poder de comunicação e com a sua força maior que era responder à sociedade civil organizada, que fazia da sua atuação a razão principal. Um episódio característico deste embate de poder foi o da sua licença maternidade. Não existia, até então, nenhuma lei que tutelasse a gravidez de uma parlamentar, porque o Regimento Interno da Assembleia Legislativa do Estado não previa a concessão do di-

reito à licença maternidade a parlamentares gestantes. Ela foi a primeira parlamentar a engravidar no exercício do mandato. Trindade teve que apresentar um pedido de licença médica de saúde de 120 dias, como previa a Constituição Estadual. Se a licença fosse superior a 120 dias, assumiria um suplente. Mesmo não havendo uma base legal que permitisse a licença maternidade às parlamentares, Trindade aproveitou para colocar o tema na berlinda, argumentando que não estava doente, que gravidez não é doença, inclusive aproveitando para falar sobre a questão de gênero, da igualdade de direitos entre homens e mulheres. Ela queria aproveitar o momento para apresentar um projeto indicativo para que fosse regulamentado a licença maternidade para as deputadas. Infelizmente não havia um dispositivo federal³ que possibilitasse essa proposta.

3 Na Câmara dos Deputados, ela e a deputada Sandra Rosado apresentaram projeto de lei Nº 644-A, de 2003, que assegurava o gozo de licença maternidade às mulheres parlamentares e dá outras providências. O projeto passou por várias comissões, mas foi arquivado. Veja o parecer da Deputada Maria do Rosário (PT-RS) O SR. PRESIDENTE (Inocêncio Oliveira) Para oferecer parecer às emendas de plenário pela Comissão de Seguridade Social e Família, concedo a palavra à Deputada Maria do Rosário. A SRA. MARIA DO ROSÁRIO (PT-RS. Para emitir parecer. Sem revisão da oradora.) - Sr. Presidente, concordo plenamente com o conteúdo da proposta apresentada pela Deputada Sandra Rosado, que destaca a valorização e a igualdade de direitos. Digo a todos que nos ouvem, em especial às mulheres que acompanham esta sessão, que o exercício do mandato parlamentar, seja nos Estados ou nos Municípios e especialmente no Congresso Nacional Câmara dos Deputados e Senado Federal, muito nos afasta das nossas famílias, da vida cotidiana, da tarefa permanente que temos e compartilhamos com maridos, com as pessoas do nosso convívio, com outras mulheres que nos apoiam e nos auxiliam ao cuidar das nossas crianças. Convivi com a companheira Deputada Federal Francisca Trindade. Tivemos uma relação não apenas de companheirismo político e partidário o nosso partido é o Partido dos Trabalhadores, mas pessoal, porque dividíamos o mesmo lugar de moradia nesta terra que nos acolhe para o povo brasileiro, que é Brasília. Deputada Sandra Rosado, sobre a proposta que V.Exa. apresentou juntamente com a Deputada Francisca Trindade, muitas vezes conversamos. Falávamos sobre as nossas crianças, sobre o fato de a Deputada Francisca Trindade, quando foi Deputada Estadual no Piauí, ter precisado tirar uma licença de saúde para cuidar dos seus filhos ao invés de ter reconhecido o seu direito à licença maternidade, fundamental para os primeiros meses de convivência com seus filhos no ambiente familiar, o que forma um vínculo importante para aquele Parlamento e para a sociedade. Não é uma licença de saúde o que buscamos. As mulheres que têm

Aquele dia me surpreendeu pela resistência dos parlamentares ao pedido de Trindade. Eram prontos a opor-se ao pedido de licença maternidade e também contrários a um pedido de licença por motivos de saúde por mais de 120 dias porque comportava a convocação de um suplente do partido para assumir a legislatura durante o período no qual a deputada era ausente. Os deputados com a constituição na mão, argumentavam com palavras inflamadas que nem a Constituição Federal previa licença maternidade às parlamentares. Trindade se recompôs consciente de seus direitos e enfrentou o duro embate na tribuna. Por alguns momentos seu microfone foi silenciado de propósito para não permitir que ela argumentasse sobre seu pedido. Naquele dia vi que não existia o sentimento da parte desses homens em relação a uma mulher próxima de parir, não lhe foi poupada de nenhum tipo de agressão verbal. Quem estava ali na frente era uma mulher que desafiava os poderes constituídos daquela casa, representada na sua quase totalidade pelos homens. Ficou claro naquele momento que o Poder enquanto Estado não pertencia (e nem pertence) às mulheres. Nesse sentido, trago em evidência um fragmento do texto de Michelle Pierrot sobre a relação das mulheres com o “Poder”:

seus filhos tomaram não fiquem elas doentes precisam dessa convivência tanto quanto as crianças. É um direito de ambas. Vivenciei essa situação por um outro lado. Na condição de Deputada Estadual no Rio Grande do Sul, quando nasceu minha filha Maria Laura que hoje tem 3 anos e meio e que nos acompanha tantas vezes a Brasília, tive meu direito à licença maternidade assegurado pelo Regimento Interno daquela Casa, o que foi importantíssimo para o meu exercício parlamentar, trazendo-me a esta Casa como Deputada Federal. Em honra à Deputada Francisca Trindade, saudando a Deputada Sandra Rosado e as Parlamentares brasileiras, sentimo-nos representadas por esse projeto e votamos em nome de que muito mais mulheres possam estar neste e em outros Parlamentos pelo Brasil. https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=069A20156B3718AF8CAED4D91057C897.proposicoesWebExterno1?codteor=185559&filename=Tramitacao-PL+644/2003

A relação das mulheres com o poder inscreve-se primeiramente no jogo de palavras. “Poder”, como muitos outros, é um termo polisêmico. No singular ele tem uma conotação política e designa basicamente a figura central, cardeal do Estado, que comumente se supõe masculina. No plural, ele se estilhaça em fragmentos múltiplos, equivalente a “influências” difusas e periféricas, onde as mulheres têm sua grande parcela (PERROT, 1992, p 167)

Presenciar esse episódio serviu para confirmar a solidão vivida por ela dentro da Assembleia Legislativa do Piauí e a perseguição por parte dos parlamentares da situação, como se a quisessem empurrar à força para o “espaço doméstico”. O enfrentamento que ela fez àquele poder tornava-a uma ameaça a estabilidade do sistema. Como afirma Perrot,

A ideia de que a política não é assunto das mulheres, que aí elas não estão em seu lugar, permanece enraizada, até muito recentemente, na opinião dos sexos. Além disso, as mulheres tendem a depreciar a política, a valorizar o social e o informal, assim interiorizando as normas tradicionais (PERROT, 1992, p. 167)

Lembro-me que quando terminou a sessão, Trindade caminhando com aquela barrigona de volta ao gabinete, sentia muita dor de cabeça. A dimensão do conflito, do embate era permanente

na sua atuação política. Naquele momento, ela obteve forte apoio da opinião pública, que através dos meios de comunicação, presenciou o ocorrido na Assembleia e ficou do lado dela. O entendimento da população naquele momento era de uma assembleia machista que negava a uma mulher o direito de licença maternidade.

O que me surpreendeu naquele período foi **o silêncio das organizações de mulheres e de muitas feministas** que não conseguiram perceber a dimensão do ocorrido em termos de conquistas de espaços, de ampliação de direitos no âmbito da política. A ausência de uma manifestação por parte das organizações de mulheres em relação ao que tinha ocorrido na Assembleia Legislativa foi gritante. Faltou aquilo que no sagrado feminino se chama de “sororidade”: essa união e apoio entre as mulheres, “mulheres que se ajudam reciprocamente”. Era distante esse movimento feminista mais clássico, porque as organizações de mulheres da periferia e do campo eram muito próximas de Trindade. Não sei se podemos compreender essa atitude ligada ao discurso da competição entre as mulheres, mas ficou no ar, velado.

A impressão que tive, falando enquanto mulher, é que muitas têm dificuldades de aceitar a posição que a companheira assumiu em termos de ascensão política. Trindade tinha um carisma, um modo de comunicar que conquistou a opinião pública e temos que reconhecer que o seu modo de fazer política era diferente e teve sucesso. Não por acaso ela foi eleita em 2002 como a deputada federal mais votada do Piauí com 165.190 votos. Aquilo que poderia ser motivo de orgulho para muitas mulheres, pela conquista de novos espaços, porque, de repente uma mulher negra, vinda da periferia, pobre, consegue o patamar que ela conseguiu, constituiu-se de muitas críticas, de identificar os defeitos, etc. (com todo res-

peito por quem pensa diferente). Com certeza não nos surpreende quando esse tipo de ascensão vem do meio acadêmico ou de setores da classe média, como bem representam diversos dentro do PT e da esquerda em modo geral. Trindade veio das classes populares e com raízes muito fortes na sua condição social. É preciso pensar tudo isso com o que diz a psicóloga Isabela Viella sobre sororidade:

Na busca dessa compreensão, o estudo sobre o sagrado feminino surgiu como uma possibilidade para entender de que maneira essa competitividade pode ter se iniciado, o que estimula a isso, o que fazer para combater esses impulsos destrutivos, quais tipos de ideias podem ser cultivadas, substituídas e abolidas da nossa vivência. Muitas mulheres estão em busca dessa mudança de atitude e se identificam com o movimento feminista, o qual traz como um dos valores principais a sororidade, que significa união e apoio entre as mulheres. Parece insuficiente apenas buscar a mudança sem antes refletirmos e fazermos um mergulho nas origens dessas atitudes, e nesse quesito tudo que fala sobre o sagrado feminino traz algumas pistas de como isso foi se constituindo. (VIELLA, 2018, s/p.)

Outro elemento que destaco é a relação da vida pública e privada. Ela foge aos esquemas ou estereótipos da mulher de carreira, independentes do ponto de vista emocional, em contraposição direta aos homens (SOIHET, 1997).⁴ Trindade quis ser casada e queria construir uma família, elemento comum a tantas mulheres e homens. Faço um parêntese aqui pensando como foi curto esse seu sonho de mãe, no meio de todas as atribulações de campanhas políticas, mandatos etc. Ela teve dois filhos que muito precocemen-

4 Soihet Rachel “História das mulheres” In. Flamarion Cardoso Vainfas Ronaldo Domínios da História: Ensaio de Teoria e Metodologia 3º edição, Rio de Janeiro, ed. Campus, 1997 pag.275-296

te perderam essa mãe. Talvez o que agora escrevo, o faço também para eles. Penso que o seu desejo de construção de uma família e a escolha realizada nesse âmbito não foi interpretado muito bem por muitas companheiras. A nossa Trindade era uma mulher comum, como tantas outras da sua época, mas ao mesmo tempo diferente porque tentou conciliar vida pública e privada ao mesmo tempo.

Destaco como Trindade valorizava as presenças das associações e sindicatos nas suas ações como vereadora e deputada. A consciência da urgência de um mandato popular era seu propósito e assim ela ia construindo sua forma de inserção política em coletividade. O poder de comunicação de Trindade, o modo como se relacionava com os meios de comunicação e a facilidade com que mantinha a interlocução com os demais parlamentares e o poder de oratória eram potentes e revelavam a mulher que sabia onde pretendia chegar.

Desse modo a identificação do público com a deputada que falava a linguagem das pessoas, que trazia para dentro da Assembleia os problemas do povo das mais variadas categorias, por exemplo, as CPI dentro das prisões, depois da análise dos balançetes da Assembleia / Governo do Estado, comparando os gastos de alimentação nas prisões. As várias visitas realizadas nas prisões de todo o Estado do Piauí, onde abria canal de interlocução com os presos para saber da precariedade vivida por eles dentro das prisões, através das cartas que chegavam no gabinete iam convocando Trindade para exercer com coerência, compromisso e honestidade seus mandatos.

Desse modo, o comprometimento com a função pública era tal ela era contrária as férias dos deputados e as regalias. Durante as férias parlamentares, Trindade realizava prestação de

contas do mandato nas praças e mercados públicos e isso incluía tanto as ações políticas realizadas quanto o destino dos recursos financeiros recebidos pelo gabinete. Relembro uma nota do Jornal O dia, sob o título PT poderá participar da mesa diretora da Câmara, de 11 de dezembro de 1996:

A vereadora Francisca Trindade ocupou ontem a praça Rio Branco no centro de Teresina para prestar contas de seu trabalho e remuneração durante este ano. Acompanhada de militantes do PT e assessores de seu gabinete, Francisca Trindade, distribuiu material impresso mostrando que apresentou 295 projetos de emendas ao Orçamento Municipal para 1997". (O DIA, 1996).

Aliás, as notas sobre o que acontecia no seu mandato eram frequentes e não tinha uma semana que ela não tivesse uma programação fora do plenário ou do gabinete. Seu contato contínuo com os movimentos e com as categorias de trabalhadores eram o real sentido para que legislasse pois trazia das visitas ou reuniões realizadas, todas as demandas e reivindicações como causa e sentido de trabalho. Algo e atitudes que não se resumia a práticas ligadas a período eleitoral. A ação era cotidiana e por essa perspectiva de acolhida para a mudança que acreditava, Trindade evocava a união e convocava mulheres, mas também homens que pudesse contribuir de igual maneira.

É dessa Trindade que permanece e permanecerá em minha memória e na de todos aqueles que acredita que só a luta coletiva e com compromisso se alcance um mundo mais justo.

Referências

BRASIL. *Constituição* (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. (aqui é um exemplo de como se faz referência das Constituição)

JORNAL O DIA. “PT poderá participar da mesa diretora da Câmara. Ano XLV, nº 11376, 11. Dez. 1996, p. 2.

PERROT Michelle “As mulheres, o poder, a história” In *Os excluídos da história: operários, mulheres, prisioneiros*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1992.

MURARO, Rose Maria. *Os seis meses em que fui homem*. São Paulo: Record, 1990.

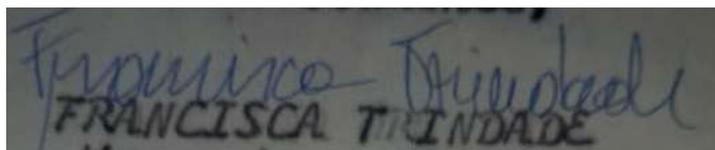
SOUSA, Nalva Maria Rodrigues de. *A política de salto: a participação feminina na política piauiense – 1970 a 1998*. 2008. 117 fls. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Universidade Federal do Piauí, Teresina-PI.

VIELLA, Isabela. “Competição entre mulheres e o distanciamento”. Disponível em <https://isabelaviellapsicologa.com.br/competicao-entre-mulheres-e-o-distanciamento-do-sagrado-feminino/>, acesso em 13/07/2020.



TRINDADE E UMA, ESCRITURA DE NOS

[Lucineide Barros Medeiros]



Sobre caminhar juntas e caminhar para si

Francisca Trindade assina seu nome na história com essa expressão, difícil de ser traduzida. Mulher negra, filha, irmã, amiga, companheira, mãe, militante, parlamentar, amante de boa música, de cerveja e de outras tantas coisas, sem vírgulas, todas juntas, como um substantivo. Não consegui delimitar uma dimensão para falar a seu respeito, para mim, é uma pessoa que sintetiza singularidade e pluralidade. Ao falar de qualquer aspecto que marca a sua existência, falo também dela toda, porque a intensidade com que viveu não lhe permitia estar parcialmente em nada, estava sempre por inteiro. Esse nome completo e curto, carregado de sentidos e significados, fala alto sobre dados familiares e sobre o seu pertencimento popular e comunitário, onde as Franciscas e os Franciscos são quase uma súplica. Provavelmente, não por acaso, tenha se tornado conhecida como Trindade, pois aprendeu, ainda menina, a não aceitar a herança de subalternidade reservada aos do lado de cá, como ela gostava de situar-se.

Cunha e Casimiro (2019) dizem que algumas mulheres carregam os qualitativos dos processos emancipatórios que procuram construir, por isso, são plurilógicas, pluriversas, pensam e vivem

polifonicamente; considero Trindade uma dessas. Por isso, a metodologia que orienta a construção deste texto procura ser integrativa, reunindo elementos de minha participação/afetação, convívio e partilhas com Trindade, cotejados com retalhos de análises da prática social e política que lhe tocou construir.

Tenho muitas histórias compartilhadas com a Trindade e certa dificuldade de contá-las. Ao ser provocada/convidada pela Professora Assunção de Maria Sousa e Silva, que nos reuniu nessa homenagem, lembrei da assertiva do Antônio Biá, personagem do filme “Narradores de Javé”, quando diz que há histórias que são para serem vividas e não escritas. Nesse caso, assim como no do filme, nada tem a ver com insignificância, mas com a dificuldade de produzir um escrito que seja suficientemente expressivo dessa mulher. Ao enfrentar o desafio, me vejo em grande parte falando mais de mim do que da Trindade, o que diz do modo como me vejo marcada por ela.

Josso (2004), ao discutir sobre as histórias de vida como processos de formação, destaca que a reflexão sobre uma trajetória de vida coletiva e compartilhada é como um caminhar para si, daí me dou conta que falar sobre Trindade é parte de uma experiência de caminhar para encontrar comigo; é oportunidade de pensar sobre os afazeres de nosso sonho comum, de nossa luta comum e ampliar meus desafios de ser e agir no mundo.

Trindade e a pronúncia do mundo do lado de cá

A assinatura da Trindade está nas marcas históricas dos movimentos sociais populares do Piauí, mais precisamente na Pastoral da Juventude do Meio Popular e no Movimento de Moradia. Os trân-

sitos no ambiente religioso de seu pai e sua mãe lhe levaram a outros encontros em que a religiosidade era mais que reza, era movimento que reunia fé e vida – os círculos da Teologia da Libertação. Gebara (1997) explica que autores como Marx e Engels foram introduzidos em grupos religiosos restritos, sob tensões, por trazerem consigo conceitos como luta de classes e sociedade sem classes, projetando a perspectiva teológica da libertação integral dos pobres e da defesa da justiça social, anteposta à dogmática tradicional.

Trindade esteve presente na organização comunitária de bairros populares e de áreas de ocupação que ganharam denominação de Vila, Parque, Residencial e outras. Conhecia os caminhos da periferia e as suas lideranças, tratadas como companheiras(os). Foram essas construções que sedimentaram a base de sua educação política, esta que, para Walsh (2013), se dá em processos de descolonização do corpo, da alma e da mente, quando a problemática social vai se apresentando com sua complexidade, cada vez mais apreendida como realidade estruturada, inscrevendo, ao mesmo tempo, a exigência de determinada prática social organizada.

A organização tem a ver, segundo Freire (2005, p. 59), com a realização da “vocação ontológica e histórica de ser mais”, em oposição à ordem estabelecida de ter mais. Ela é buscada como parte do processo de transformação, que não se dá no isolamento, mas na dialogicidade e no engajamento na luta. Há uma consciência de si quando o(a) oprimido(a) se descobre hospedeiro(a) do(a) opressor(a) e compreende como essa apropriação se realiza historicamente. Assim, supera-se a visão da realidade como sina ou fardo para situá-la como horizonte de transformação.

Trindade pode ser caracterizada como o que Freire (1983) denomina de agente de mudança, uma conhecedora do pensar,

do sentir e do agir do povo, dos seus territórios de vida e de lutas. Sua educação foi em grande parte na ação direta, mas também em programas de formação de lideranças promovidos por entidades de assessoria, como o Centro Piauiense de Ação Cultural (CEPAC) e o Instituto Cajamar, além de ter cursado Teologia na Universidade Federal do Piauí (UFPI). Seu repertório de conhecimento lhe assegurou posturas teóricas e práticas firmes e incisivas diante das questões enfrentadas.

Aprendeu sobre o mundo e como pronunciá-lo de diferentes modos. Eu destaco a sua fala, que geralmente enchia e silenciava os ambientes. Quando falava a companheiros(as), o calar geralmente trazia uma mensagem nítida, no olhar, nos aplausos, nos gestos de acolhimento e de confirmação: esta nos representa! Pela visão de Freire (2005), essa sinergia implica amorosidade, pois não há diálogo se não há profundo amor ao mundo e às pessoas, se não há reconhecimento de saberes e conhecimento recíprocos, a compreensão de que não há ignorantes absolutos, nem sabidos(as) absolutos(as), há pessoas em comunhão que buscam ser mais.

Também se fazia ouvir ao falar para adversários, sem nenhum sinal de inferioridade ou de subalternidade, afirmando seu compromisso ético-político com a horizontalidade, sem abrir mão dos posicionamentos ideológicos e projetivos de sua classe e de seu povo, era ativa e, ao mesmo tempo, respeitosa. Seus argumentos elevavam o nível das discussões, colocavam fenômenos a nu e nunca lhe faltava uma proposta de encaminhamento difícil de não ser aceita. Como todas as outras pessoas, Trindade não era imune às contradições que nos atravessam como serem humanos que somos, orientados(as) por escolhas em contextos de desigualdades, tensões e disputas.

Trindade e sua formação raizal na luta comunitária

Dentre as passagens nítidas em minha memória, tenho o dia que nos conhecemos. Estávamos em meados dos anos de 1980, eu, juntamente com um grupo de adolescentes ligados(as) à Igreja Católica, com a orientação de religiosos(as) comprometidos(as) com as causas populares, realizávamos diversas atividades junto a famílias, incluindo encontros nas ruas dos bairros Buenos Aires e Água Mineral, com o objetivo de conversarmos sobre a fé e a vida; era um trabalho de conscientização, visando reunir forças para solucionar problemas, como as constantes falta d'água e a ausência de saneamento básico, de energia elétrica, e outros tantos que alcançavam a maioria dos(as) moradores(as) das periferias de Teresina (PI) e do país, à época. Esses encontros se realizavam nos terreiros, na frente das casas, com rodas de pessoas de todas as idades, sentadas, sob a luz de um poste ou até iluminadas a lamparinas.

Certa noite, na casa de Dona Carmosa, mãe da Salete, que também participava do grupo de adolescentes, situada na Rua João Francisco Ferry, que era também a rua de minha casa, compareceu à reunião uma moça, que veio falar sobre a importância da participação na Associação de Moradores. Ela era da Associação do Bairro Água Mineral e já atuava nas lutas que se realizam pela cidade, como a de mutuários dos conjuntos habitacionais, em defesa do transporte coletivo, infraestrutura e também no acompanhamento de famílias sem-teto que protagonizavam ocupações de terrenos ociosos na Capital.

Medeiros (2019) menciona registros de jornais da época, a exemplo do “Jornal O Dia”, de 4 de junho de 1987, que noticiou a manifestação de aproximadamente 200 posseiros(as) de bairros como Água Mineral, Ilhotas, Vila Bom Jesus, Vila Santa Helena e

outras, que ocuparam a sede da Prefeitura de Teresina, para reivindicar medidas asseguradoras das permanências nas áreas ocupadas e contra as ameaças de despejo – atos como esses passaram a ser recorrentes em Teresina, contando com a participação direta da Trindade, desde os processos de mobilização.

De imediato, naquele nosso primeiro encontro, na casa da Dona Carmosa, me identifiquei com a Trindade pelo que pensávamos e defendíamos. Dali em diante, passamos a nos encontrar em outros momentos, como cursos de formação no Edifício Paulo VI, atos públicos, dentre outros. Além disso, estudamos na escola Prof. Edgar Tito, no Bairro Itaperu, na zona norte de Teresina e, geralmente, fazíamos a pé os percursos entre nossas casas e a escola e, algumas vezes, caminhávamos juntas, contando histórias, gargalhando e fazendo o que pessoas de nossa idade gostavam de fazer.

No final dos anos 1980, eu já integrava a direção da Associação de Moradores do Bairro Buenos Aires e, por essa participação, conheci de perto a Federação das Associações de Moradores e Conselhos Comunitários do Piauí (FAMCC), uma entidade que Trindade ajudou a fundar e foi sua dirigente. Participando do processo de criação da FAMCC, Trindade integrou um conjunto de discussões e lutas sobre a Reforma Urbana, realizadas no país e no Piauí, iniciados nos anos 1980 e atravessando os anos seguintes.

Rolnik (2009, p. 31) explica que “[...] os anos 1990 representaram no Brasil um período de intenso debate, no seio da sociedade civil, dos partidos e governos, acerca do papel dos cidadãos e de suas organizações na gestão das cidades”. Além disso, houve as movimentações para inclusão no texto da Constituição de 1988 o capítulo sobre a política urbana, tendo como premissa a função social da cidade e da propriedade. Trindade era, reconhecidamente,

uma referência nessa discussão, no Piauí e no Brasil, por ter integrado processos e ações nacionais como as realizadas em torno do Fórum Nacional de Reforma Urbana e da articulação da Associação Nacional do Solo Urbano (ANSUR), numa trajetória que lhe levou a assumir, quando Deputada Federal, a primeira vice-presidência da Comissão de Desenvolvimento Urbano e Interior.

Outros trânsitos, sem sair de seu lugar

Nas atividades da FAMCC que eu participava, representando a Associação do Buenos Aires, Trindade foi uma das pessoas que me propôs integrar um grupo nas eleições da Entidade. Porém, ao passar a participar da direção da Federação, convivi pouco com Trindade na construção da entidade, pois, após um período de afastamento para tratamento de saúde, por causa de um acidente que lhe deixou acamada, precisou, ao retornar, dedicar-se a outras tarefas.

Trindade foi candidata a vereadora de Teresina nas eleições municipais de 1992, com mobilidade física bastante reduzida, tendo sido convencida por companheiras e companheiros militantes do Partido dos Trabalhadores (PT) e do movimento comunitário, que também assumiram a dianteira de sua campanha, em uma bela construção coletiva. Ficou classificada na primeira suplência, expressando sua importância para o grupo que lhe deu apoio e para o cenário político da Capital.

Em estudo sobre a participação da mulher na política no cenário do final dos anos 1980 e início de 1990, Pinheiro (2007) identifica dois canais de acesso de mulheres a mandatos parlamentares: os laços de parentesco com famílias tradicionais, principalmente

na condição de filhas e esposas de políticos; e a participação em movimentos sociais, sendo este último uma via estreita, ocupado por forte embate com o coronelismo e as oligarquias, mas também lugar de construção de uma cultura política insurgente, resultante das lutas pela superação da ditadura civil-militar no país e pela construção de um espaço público orientado pela democracia participativa. Maricato (2009, p.8) classifica esse fenômeno pelo prisma do patrimonialismo, ressaltando três características centrais: “a) a relação de favor ou de troca é central no exercício do poder; b) a esfera pública é tratada como coisa privada e pessoal; c) existe correspondência entre detenção de patrimônio e poder político e econômico”.

Wellington Dias havia sido eleito vereador nas eleições de 1992 e, dois anos depois, foi eleito Deputado Estadual. Como primeira suplente, Trindade assumiu a cadeira da vereança. Foi a posse da primeira mulher feminista e negra na Câmara Municipal de Teresina. Esse destaque é importante, porque mesmo no contexto dos movimentos sociais comprometidos com a transformação social, as condições de gênero e étnico-raciais representam um desafio a ser tratado, considerando a baixa visibilidade das mulheres.

Ainda guardo na memória a potência do ato da primeira posse de Trindade – era uma afirmação da utopia do poder popular, não somente pela representatividade eleitoral, mas pelo desafio de uma estrutura cristalizada em múltiplas opressões. Esteve à frente de mandatos-movimento, sempre apostando na organização de base, de modo que os encaminhamentos de reivindicações de bairros, vilas, ocupações, sindicatos, grupos de interesse eram sempre precedidos de reuniões, discussões para compreensão do fenômeno e não era raro essas demandas se expressarem publicamente

em atos de rua, passeatas, audiências públicas, pois ali havia a compreensão implícita de que é a visão sistêmica da opressão que cria a visão sistêmica da libertação, evitando soluções milagrosas.

Seguimos com a utopia: Trindade, Presente!!!

Como destaquei inicialmente, a incidência política da Trindade era regada com os atributos de sua existência toda, de modo que quem não a conhecia de perto poderia classificá-la simplesmente como uma mulher dura, guerreira, pela sua teimosia e pela força do seu pronunciamento público na defesa das causas e pessoas; contudo, a racionalidade que guiava seus atos públicos, sempre situados na esquerda e, muitas vezes tidos como radicais, eram regados a muita sensibilidade – Trindade era também emoção à flor da pele. Uma mulher de muitos afetos, capaz de ouvir, transigir, falar de seus medos, inclusive de morrer, especialmente depois de ter se tornado mãe. Todo o cansaço e o peso dos seus dias mais exigentes e tensos desapareciam numa boa roda de conversa, com música, gargalhadas e cerveja gelada.

A falta que ela nos faz é enorme, mas é também grande o orgulho de ter vivido e caminhado com ela; aprendido sobre como amar e mudar as coisas, como diz Belchior; nos ensina também sobre a necessidade viver a utopia, que é a própria caminhada, com a máxima intensidade, empenhando o melhor de nós, sem abrir mão das condições inscritas no projeto do bem viver.

De acordo com Eduardo Galeano, “A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para

isso: para que eu não deixe de caminhar.” (GALEANO, 1994, s/p).

Seguimos, Amiga, com saudade!!

Referências

ABREU, L. A.; CAFFÉ, E. *Narradores de Javé*: roteiro. 17. versão. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004.

CUNHA, Teresa; CASIMIRO, Isabel. As Cinderelas do nosso Moçambique querem falar. Epistemologias do Sul e alternativas feministas de vida. In: DUBOIS, Alfonso. (Org.). *Territórios em Conflicto*. Bilbao: Gernika Gogoratuz. 2019. p. 71-117.

FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GALEANO, Eduardo. Para que serve a utopia? In. *Las palabras andantes?* (1994) Disponível em <<https://www.revistaprosaveroarte.com/para-que-serve-a-utopia-eduardo-galeano/>>, acessado em 01/08/2020.

GEBARA, Ivone. *Teologia ecofeminista*: ensaio para repensar o conhecimento e a religião. São Paulo: Olho d'Água, 1997.

JOSSO, Marie-Christine. *Experiências de vida e formação*. São Paulo: Cortez, 2004.

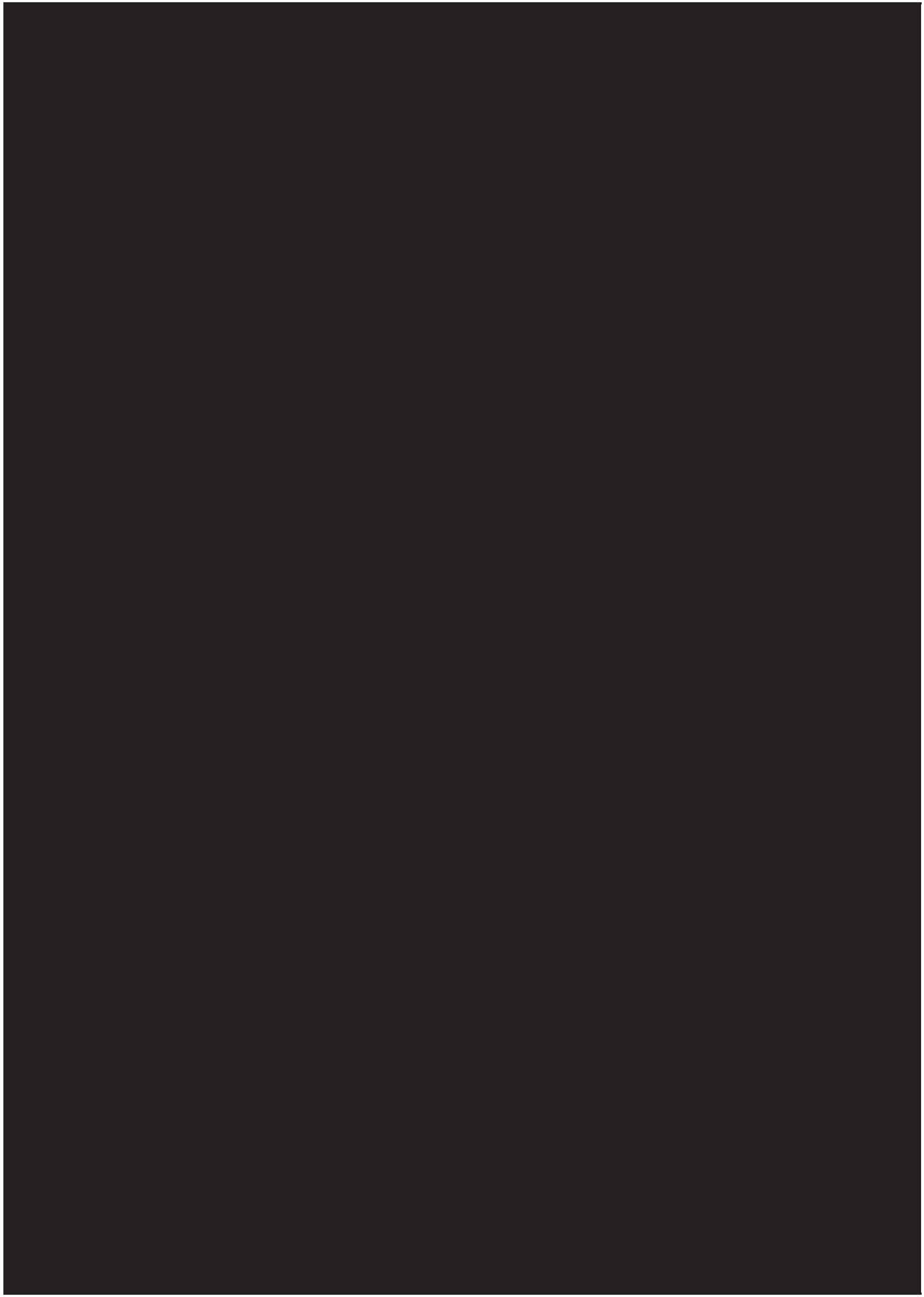
MARICATO, Ermínia. Globalização e política urbana na periferia do capitalismo. *Revista VeraCidade*, ano IV, n. 4, mar . 2009.

MEDEIROS, Lucineide Barros. Federação das Associações de Moradores e Conselhos Comunitários do Piauí: protagonismo e marcos políticos de origem. In: VIANA, Marilene Rocha; OLIVEIRA, Francisco Mesquita de. MEDEIROS, Lucineide Barros. *Sociedade civil e movimentos sociais no Piauí*. Teresina: EDUFPI, 2019. p. 71-91.

PINHEIRO, Luana Simões Pinheiro. *Vozes femininas na política: uma análise sobre mulheres no parlamento no pós-constituente*. Secretaria Especial de Políticas para as mulheres, 2007.

ROLNIK, Raquel. Democracia no fio da navalha: limites e possibilidades para a implementação de uma agenda de Reforma Urbana no Brasil. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*, v. II, n. 2, nov. 2009. Disponível em: <https://rbeur.anpur.org.br/rbeur/article/view/219>. Acesso em: 8 mar. 2021.

WALSH, Catherine (Ed.). *Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir*. Tomo I. Quito, Ecuador: Ediciones Abya-Yala, 2013.



**NAS PASSADAS DA
VIDA... SAUDADES E
RECONHECIMENTOS!**

[Lúcia Araújo]

Em homenagem à minha filha Dandara!

Eu e **Trindade** começávamos a nos encontrar e nos conhecer, ali pela virada da década de 70 e 80.

Num primeiro plano, na pastoral da juventude do movimento popular – ela era liberada (como era caracterizada a condição de relação trabalho na Igreja) para a pastoral de juventude. Estávamos vindo de nossas paróquias, ela, da paróquia da Primavera – atuando com Padre Manoel e eu, vinha da catequese na comunidade, paróquia de São José Operário, dos Redentoristas. Paróquias vizinhas, mas ainda não tínhamos nos encontrado.

Saudades e reconhecimentos!

Ali, encontrei uma bela jovem! Uma ágil e comprometida agente de pastoral, dedicadíssima!

Num demorou, caminhando na década de 80, já dialogamos sobre as associações de moradores que estávamos atuando, cada uma na sua comunidade. Ela, na água mineral e eu, no Mafrense. Daí nos somamos com muit@s de atuação em associações comunitárias. Lá vem a idéia e construção da FAMCC/Federação das Associações de Moradores e Conselhos Comunitários!

Com essas atuações, **Trindade** já ganhava o mundo! Pegou estrada, Brasil adentro e Brasil afora. Foi bater na ANAMPOS (Articulação nacional dos movimentos populares e sindicais)

Saudades e reconhecimentos!

Acidente atropela a caminhada de **Trindade**! Mas ela resiste e não pára! Acamada num hospital, com fratura na perna e impossibilitada de andar (de pensar e falar, jamais!). Daí, parece que teve mais tempo e inspiração (uma constante!) e lá vem outro plano!

Logo, logo já estava candidata a vereadora! E nós ali de novo! Eu... nas coordenadas da campanha. Cada uma querendo correr mais que a outra! Um dia, brigamos sério, porque ela queria uma agenda de um jeito e eu teimava por outro jeito (devido as limitações dela, em mobilidade). Ela perguntou se era eu a candidata. Me zanguei demais e pedi para sair da coordenação. Voltei depois das conversas. Era sempre assim...

Briga entre nós, era o que não faltava. Nas farras era fato e constante! Um motivo de exemplo, era um carro(corcel) que tínhamos em sociedade. Êta tempo! Testemunhas demais!

Saudades e reconhecimentos!

Resultado de tudo, de toda a caminhada da Guerreira: uma deputada Federal eleita em 2002, uma mulher muito querida e uma amiga amada de todos e todas!

Na política partidária, como suplente de vereadora, Francisca **Trindade** foi logo compor gabinete a convite do Vereador eleito

– Wellington Dias. Lá estava eu junta, apesar de mais uma resistência. Eu não queria compor, mas fui (depois de uma conversa). Fiquei só um pouquinho! Seguimos em campos diferentes, menos presenciais entre nós, mas semelhantes nos objetivos.

Daí ... ela seguiu para o plano atual

Saudades e reconhecimentos!

Cabe mais um registro sobre as insistências dela quanto a minhas participações no campo político partidário?

Em 1994, ela foi me visitar em Brasília (quando eu tratava de saúde) e queria que eu participasse mais numa perspectiva parlamentar. Eu resisti, nunca foi meu perfil. Recusei firme dessa vez (pois corria o risco de mais uma vez ela me convencer).

A segunda e última investida dela (final de 2002), em véspera do seu plano atual, ela me convenceu a participar do Governo Wellington Dias para atuar no semiárido, à luz do que estava fazendo no trabalho junto à Cáritas Brasileira e início do Fórum Piauiense de convivência com o semiárido.

Minha resistência era de deixar a missão pastoral e social anterior e participar de gestão pública. Aqui estou...atuando conforme o combinado.

Saudades e reconhecimentos!

Teresina/PI, 9 de março de 2022.



**TRINDADE:
A REPRESENTATIVIDADE
DA MULHER NEGRA NO
EN(CANTO) E NA LUTA
POLÍTICA**

[Haldaci Regina da Silva]

Introdução

As mulheres negras em suas trajetórias têm provocado reflexões políticas acerca das desigualdades de gênero e raça, e também sobre as diversas violências sociais que são submetidas. A exclusão exercida sobre estas mulheres tem como estratégia criar barreiras que impeçam a participação política nos diversos campos da sociedade e, diante de todos os desafios, mulheres negras ao longo da história lutaram para garantir seus direitos e plena participação política. Segundo Soares (2007), sobre a mulher negra no século XIX, estas que viviam nas ruas estavam sujeitas à violência e agressões relacionadas ao seu gênero, sua cor e sua classe. Elas respondiam com um comportamento aguerrido, enfrentando as situações difíceis.

O processo histórico de escravização aliado ao racismo fundamentou um projeto nacional marcado pela exclusão, inferiorização e violência sobre a população negra. A continuidade desse projeto tem sido assegurada pela distorção na representação formal e simbólica de negras e negros em diversas esferas da vida social e política. A primeira mulher negra a ser eleita para uma Assembleia Legislativa no Brasil foi Antonieta de Barros em 1934. De acordo com Nalva Maria Rodrigues de Sousa (2008), no ano de 1955, foi eleita a primeira vereadora de Teresina-PI, Maria Guadalu-

pe Lopes de Lima, advogada e jornalista, natural de São João do Piauí-PI. Mesmo não tendo o recorte racial, este dado é útil para que possamos entender as possibilidades de uma mulher negra entrar na política bem como suas dificuldades em participar de um processo eleitoral.

No Brasil, segundo dados da PNAD Contínua - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - (2019), a população brasileira é composta por 48,2% de homens e 51,8% de mulheres, onde 27% destas mulheres são negras. Somos um terço da população brasileira, apesar dos avanços conquistados pelas lutas das organizações feministas e de mulheres negras e ainda estamos marchando em luta por igualdade. O que podemos dizer de uma conjuntura de anos atrás, em que **Trindade**, uma mulher negra militante das causas sociais, pobre da periferia, que teve inserção no mandato eletivo em 1992 encerrando em julho de 2003, trazendo um significado especial para as mulheres negras, mostrando que podemos esperar no sentido freiriano da palavra, quer dizer ir à luta, construir coletivamente possibilidades de um futuro melhor, seja no campo das disputas políticas, seja no campo da organização social coletiva.

Neste sentido, este texto não tratará de uma biografia da então vereadora, deputada estadual, deputada federal, Francisca Trindade (*in memoriam*). O texto vai tratar de escritos de convivência da trajetória de resistência, conhecimento, trocas, aprendizados, insurgências, desafios, conquistas de mulheres negras que vivem e sobrevivem sobre a égide do racismo estrutural. São experiências e conhecimentos aportados nas leituras de Bairros (1995), Carnei-

ro (2013), Schumacher(2015), Sousa (2008), Gonzalez (1991), Kilomba (2019), dentre outras, além de diálogos e leituras cotidianas de um período de convivência, discorrendo sobre mais um olhar sobre a luta das mulheres negras.

I A força da voz negra na política no canto

Pela ordem colonial uma mulher negra não pode erguer a voz e se tornar uma representação admirada por um grupo populacional. “Erguer a voz”, “responder”, “retrucar” significava falar como uma igual com uma figura de autoridade. “Significava atrever-se a discordar e, às vezes, significava simplesmente ter uma opinião” (HOOKS, 2019 p.31). Como bem descreveu a autora, o silenciamento das mulheres foi estrategicamente utilizado pelo opressor para permanência no poder, não dando voz ao seu oposto numa tentativa de reafirmar as diferenças sociais e políticas entre homens e mulheres.

Quando uma mulher negra e pobre avança para superação das opressões e segue quebrando os paradigmas do racismo, conquistando visibilidade política e social, é vista como aquela que “teve sorte na vida”. No entanto, se considerarmos que este caminho teve /tem como base os princípios da coletividade, do trabalho comunitário, das trocas de aprendizado e principalmente das leituras aprofundadas sobre libertação e liberdade, nunca será sorte e sim liderança. As mulheres negras têm conseguido romper as barreiras do “não pode”, “não é seu lugar”, utilizando-se da sua ancestralidade, que é fundamental para compreendermos as contribuições

do povo negro e, em especial, das mulheres negras escravizadas. O fenômeno **Trindade** teve relevante participação na Associação de Moradores do seu bairro e fazendo parte dos movimentos sociais urbanos de Teresina na direção da Federação das Associações de Moradores e Conselhos Comunitários /FAMCC. Seu comprometimento com a justiça social e com a população em situação de miséria e pobreza foi reconhecido e transformado em votos nas eleições de 1996, quando foi reeleita para a Câmara Municipal de Teresina como a mulher mais votada (SHUMAHHER, 2015 p.211).

“Eu sou feliz é na comunidade, na comunidade eu sou feliz”⁵. As experiências em comunidades foi continua sendo um dos instrumentos de luta coletivizada, conectada com o discurso atual de revolução, de aquilombamento, onde uma liderança representava um todo e o todo representava a comunidade (significando quilombo para as mulheres negras). Assim, coadunando com historiadora e militante Beatriz Nascimento (1978, p. 47), sobre a importância dos quilombos:

Quilombo passou a ser sinônimo de povo negro, sinônimo de comportamento do povo negro, e esperança para uma melhor sociedade. Passou a ser sede interior e exterior de todas as formas de resistência cultural. Tudo, de atitude à associação, seria quilombo, desde que buscasse maior valorização da herança negra.

A visão de aquilombamento entre as mulheres negras sustentou e ainda sustenta as organizações coletivas. Ressignificando quilombo como um território de resistência, a historiadora re-

5 Canto das CEBs / Comunidades Eclesiais de Base.

força a importância das organizações coletivas como um lugar de resistência e sobrevivência. No que se refere à militante Francisca Trindade, sua vida pautada em participações em debates e formações políticas dentro e fora do Partido dos Trabalhadores, a qual era filiada. Nestes locais de grandes discussões, a representação da beleza negra - não com objetificação -, mas sim com valores étnicos imbricados nas vestimentas, adereços e cores que marcavam a presença da negra intelectual e bela. Era uma mulher atravessada pela sabedoria de outras mulheres, com histórias e estórias a serem contadas, como um poema em eterna construção. O que os livros escondem, as palavras ditas libertam. “E não há quem ponha um ponto final na história”. (EVARISTO, 2008, p. 51)

Trindade, em sua jornada pelas lutas sociais, conseguiu elaborar uma crítica sistemática sobre a secundarização das questões específicas para a população negra, tornando símbolo de luta das mulheres negras por uma mudança social urgente. Ao pronunciar-se pelo direito à moradia e às políticas de saneamento básico nos bairros mais vulneráveis da periferia, incorporava a demanda de ontem e de hoje por uma autonomia das mulheres negras que, em maioria, são chefes de família e sem residência própria. Neste aspecto podemos dizer que suas propostas políticas eram interseccionais – mulheres negras e pobres. Considerar também que nascer pobre em um bairro sem estrutura básica e conviver em situação de pobreza permitiu-lhe enxergar, a partir do seu local de pertencimento, quais as suas necessidades mais urgentes

Para nós, mulheres negras, todos os espaços de disputa de poder são movidos pela opressão. Francisca Trindade enveredou pelo

caminho da política, lugar de sujeição, porém este lugar é também o lugar da resistência e foi neste local que a vereadora, deputada estadual e deputada federal, conseguiu ser uma das maiores celebridades do Estado do Piauí, sem se utilizar de nenhum vitimismo, mas se destacando com seu discurso consistente, coletivo, carregada de experiências e vivências. O mito de que pessoas negras se vitimizam quando falam sobre suas feridas causadas pelo racismo é uma estratégia muito eficaz para silenciar aquelas que estão prontas a falar (KILOMBA. 2019 p.227).

Contudo, foram muitas estratégias de luta encontradas pelas mulheres negras ao longo da história por sua liberdade e de seu povo: fugas, revoltas, atentados sobre a própria vida, infanticídios e etc. Artimanhas necessárias para garantir a continuidade dos povos africanos e seus descendentes no Brasil. Foram mulheres que desde muito cedo tiveram que aprender a ser protagonistas de um tempo em que o texto e o contexto eram obrigatoriamente escritos no “masculino”. (SCHUMAHER, 2015, p. 15).

Protagonizar sua própria história, que também é a história de muitas mulheres negras, foi um dos legados deixados por Francisca Trindade. Sua caminhada despontou sobre encruzilhadas que garantiram vitórias coletivas. Contrapondo a história e a realidade de mulheres negras, pobres e periféricas que já nascem “fadadas” ao fracasso e obrigadas a seguir os padrões impostos. Ao incorrer sobre a história de Francisca Trindade nos deparamos com atitudes de insurgências coletivas que conseguiram imprimir em sua militância a coragem para quebrar os paradigmas sociais que nos cercam através do racismo, sexismo e desigualdades sociais.

Símbolo dos movimentos sociais na luta por direitos, a política de habitação foi uma das principais bandeiras dos mandatos de Trindade, remetendo-a a elogios e aclamada como representante das comunidades pobres. Ficou conhecida também por sua competência e seu espírito combativo. Nisso, enquanto mulheres negras, cabe apresentar Trindade não somente em momentos subjetivos das lembranças de sua trágica morte, mas sobre sua expressiva representatividade de mulher e negra.

2 Mulher preta piauiense - guerreira do povo!

O engajamento na luta se deu nas pastorais da igreja católica, consolidando-se nos movimentos de moradia, território este que deu maior visibilidade política. Paralelo à essa bandeira, Trindade atuava na militância negra no *Grupo Afro Cultural Coisa de Nêgo*. Desse modo, poderemos seguir falando sobre identidade negra e racismo. Na luta contra o racismo os discursos e as narrativas eram essenciais, utilizadas como instrumento capaz de alcançar outras pessoas que acreditavam ou não no mito da democracia racial. Trindade tinha um jeito de protestar e de cantar que era singular, procurando trazer músicas que falassem da conjuntura atual, de lutas por liberdade:

As apresentações do “Grupo Coisa de Nêgo”, na década de 90, eram definidas como um espetáculo rítmico-musical e visual, ordenado pelas vozes femininas negras que se harmonizavam para reforçar o coral pela luta por liberdade dos povos africanos, mas também dos afro-brasileiros. Seguramente, tanto a música como

o discurso verbalizado por estas mulheres, em destaque Francisca Trindade, acompanhavam o pensamento da posituação que a musicalidade poderia causar na comunidade teresinense e piauiense, aprendendo e contando nossas histórias, tal como registra Werneck (2013, p. 266):

Desde o Brasil colônia, a música foi vivida e produzida pelo contingente populacional negro, não apenas como objeto de deleite, mas principalmente como veículo discursivo, como algo que fala, para além dos prazeres de ritmo e melodia. A música foi – e ainda é – um meio de produção e expressão de singularidades discursivas e/ou interpretativas à disposição de produtores e consumidores. Nela, se delinearam (delineiam) as afirmações identitárias necessárias para a constituição e posituação de mulheres e homens negros como indivíduos e grupos, em contextos extremamente desfavoráveis da escravidão e seus períodos subsequentes de exclusão racista.

Assim, através das composições musicais de vários artistas piauienses, continuávamos a enfrentar o racismo com canções sobre nossa história e identidade, tornando-as conhecimentos e resistência, como discorreu a autora. Cada passo dado por estas mulheres movimentava as mídias piauienses que foram importantes para a visibilidade deste projeto, liderado por homens e mulheres, mas sempre encabeçado por mulheres.

Considerando pertinente o processo de “empoderamento” das mulheres negras, destacamos como foi importante para nós

do “Coisa de Nêgo” vivenciar o coletivo, as trocas, as gargalhadas, as ajudas (na arrumação dos figurinos) na escolha das cores, dos temas e até das entrevistas. Foi essa a formação política sobre racismo que nos coletivizou. A imagem da mulher negra, sempre ao lado de outras mulheres, caminhando, plantando e cultivando utopias de liberdade. Era assim, a imagem da nossa protagonista.

O caminho trilhado por Trindade constituiu-se de trocas de conhecimentos e epistemologias sociais que *esperançou* outras que já não acreditavam ser possível. Nisso, a “peleja” de Trindade cabe na atual estratégia de mobilização das mulheres negras: *Uma sobe e puxa a outra*. Simbolicamente, esta teoria foi solidificando nosso discurso e alimentando em outras mulheres o desejo de ocupar todos os espaços, ainda que não sejamos consideradas humanas, como aponta Djamila Ribeiro:

O debate, portanto, não é meramente identitário, mas envolve pensar como algumas identidades são aviltadas e ressignificar o conceito de humanidade, posto, que pessoas negras em geral e mulheres negras especificamente não são tratadas como humanas. (RIBEIRO, 2018 p. 27).

Evidentemente que este discurso já fazia parte de nossos diálogos, porém com outros vocábulos. A consciência de negritude que fomos construindo dentro do movimento negro proporcionou encontros com a história não contada nos livros escolares. Com isso, a passagem pelo “Coisa de Nêgo”, significou o resgate dessa

identidade negra, como uma arma de luta contra o racismo. Com voz e vestimenta de rainha, sabedoria de uma griô, encantamento das Ayabás, confrontava o poder com uma pedagogia feminista, anti-patriarcal, decolonial e antirracista. Eu encanto, tu encantas, elas encantariam, o poder da mulher negra passa pela Encantaria – neste caso, não é verbo.

Conclusão

Não se buscou elaborar aqui nenhuma grande narrativa sobre a vida desta importante mulher negra piauiense, foram feitas apenas reflexões sobre sua passagem por nossas vidas. Deste modo, não colocaremos um ponto final nas escritas sobre a guerreira menina, Trindade, pois apesar de sempre mostrar fortaleza já sentíamos nos seus últimos anos entre nós, uma guerreira cansada. Em 2003, ano do seu falecimento, presenciamos uma Trindade cansada e saudosista. A saudade da família, amigos e amigas (das antigas) e também das pessoas que faziam parte de seu quilombo. Do cuidar, do permanecer, do existir como uma mulher preta filha de Oxum - deusa da água doce, divindade africana e afro-brasileira que trata do poder das mulheres, da transformação e da vida.

Sua beleza era marcante e sua voz era encantamento e com certeza, não se apaga de nossas memórias. O tempo e a necessidade de seguir em frente, separou nossos corpos, mas as canções continuam sendo as mesmas. Os sentimentos que nos foram acometidos com a sua partida, inicialmente foi de uma criança órfã, que necessitava se reinventar para conseguir acostumar-se com

a sua ausência. Mas nós, mulheres negras, sabemos, que já nascemos órfãs, somos excluídas cotidianamente. A partir daí, fomos nos resignificando através de suas lembranças e memórias, plantando seu legado em nossas conversas e em nossas rodas de resistências e sobrevivência. Hoje temos outra leitura da importância de sua existência e da sua persistência na luta pelos direitos humanos da população piauiense, que em sua maioria é negra, o que consagra que sua luta foi sim pelos direitos da população negra piauiense e como sempre reforçava em seu discurso: “*Pelo exercício pleno da Cidadania*”. Continuamos resistindo, remetendo sua expressiva e relevante história para superação do racismo e da violência de gênero. Axé Nega véa!

Referências

GANDRA, Alana. *Mulheres negras se mobilizam para ampliar presença na política*. 2018. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2018-07/mulheres-negras-se-mobilizam-para-ampliar-presenca-na-politica>. Acesso em: 15 mar. 2021.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Políticas para as Mulheres. Prêmio Mulheres Negras Contam sua História – 2013. Brasília: Presidência da República, Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2013.

BRASIL. IBGE. *Quantidade de Homens e mulheres*. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18320-quantidade-de-homens-e-mulheres.html>. Acesso em: 15 mar. 2021.

CARNEIRO, Sueli. Lelia Gonzalez : *o feminismo negro no palco da história*. Brasília. Abravideo, 2014

EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

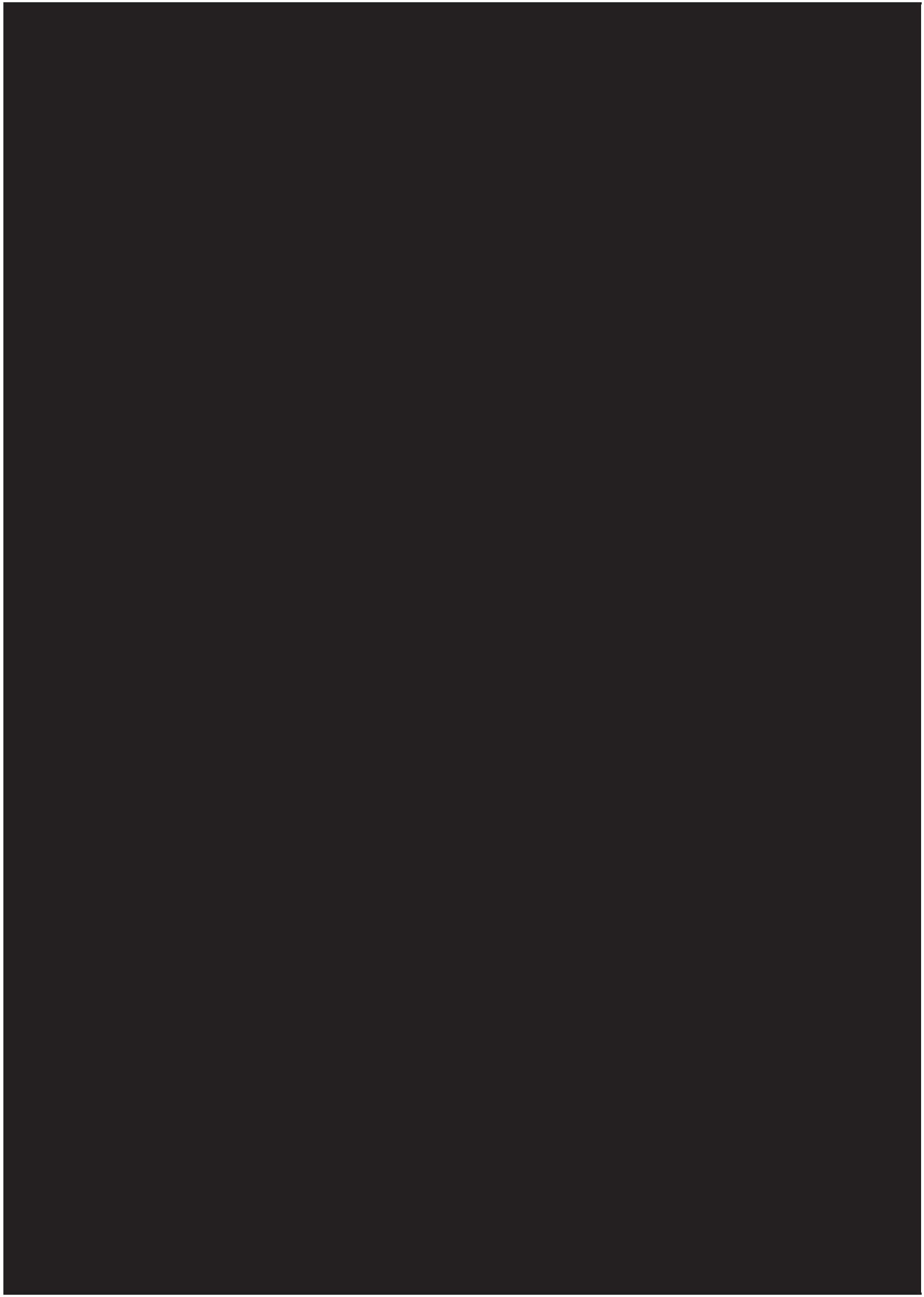
KILOMBA , Grada . *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano* .Rio de Janeiro: Cobrogó, 2019.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. "*O quilombo do Jabaquara*". Revista de Cultura Vozes (maio - junho), 1978

SCHUMAHER, Shuma; CEVA, Antonia. *Mulheres no poder: trajetórias na política a partir da luta das sufragistas do Brasil*. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2015.

SOUSA, Nalva Maria Rodrigues de. *A política de salto: a participação feminina na política piauiense – 1970 a 1998*. 2008. 117 fls. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Universidade Federal do Piauí, Teresina-PI.

WERNECK, Jurema. *O samba segundo as lalodês: mulheres negras e a cultura midiática*. Rio de Janeiro, Tese (Doutorado em Comunicação) Faculdade de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.



**NEGRA MENINA,
GUERREIRA
MULHER!⁶**

[Francisca Nascimento Sousa]

⁶ Verso da música “Filha da Cor”, Sônia Terra e Assis Bezerra.

Preparei a refeição matinal. Já que não posso dar aos meus filhos uma casa decente para residir, procuro lhe dar uma refeição condigna ...O meu sonho era andar bem limpinha, usar roupas de alto preço, residir numa casa confortável, mas não é possível... Eu não estou descontente com a profissão que exerço. O desgosto que tenho é residir em favela. ... O José Carlos disse: — Não fique triste mamãe! Quando eu crescer eu compro uma casa de tijolos para a senhora. (Carolina de Jesus, em *Quarto de Despejo*)

Introdução

Ao iniciar este texto sobre Francisca Trindade, que tem mais o estilo de um relato de uma amiga e companheira de luta que de texto científico, fiquei matutando quem melhor retrataria uma citação introdutória e, não tive dúvida, seria a grande desbravadora da escrita negra, Carolina de Jesus. Carolina, ainda na década de 50, lançou mão de livros e cadernos coletados do livro, de onde a mesma tirava o sustento de sua família, para registrar em seu “Diário de uma Favelada” a realidade dura e cruel a que era relegada ela e todo o povo da sua comunidade. Certamente Carolina nunca imaginara que, ao fazer seus desabafos naqueles caderninhos, estava

se tornando uma voz que ecoaria pelo mundo afora e exporia, para a posteridade, a situação de exclusão e abandono em que vivenciava os excluídos do Brasil. Faço esse paralelo com a Francisca Trindade, pois esta, ao iniciar sua militância social por volta dos 15 anos de idade, em um bairro da periferia de Teresina, não imaginaria que seu exemplo ecoaria sobre as mulheres negras, a juventude e toda uma grande parcela de desvalidos que, cerca de 50 anos depois do grito de Carolina, ainda vivenciavam situação semelhante ao que está registrado em seu “Quarto de Despejo”. Ambas são ainda as vozes que clamam por trabalho, pão e moradia.

Uma mulher negra na história

Não me recordo exatamente em ano que conheci Trindade, acho que foi em 1983/84, ela tinha uns 16 anos. Foi na Pastoral da Juventude. Sei bem que quando ela estava entrando na coordenação da Pastoral, eu já estava me afastando. Já era professora, sindicalista e do movimento de mulheres. Entendia que meu espaço de militância já devia ser outro, apesar da importância humana e política da Pastoral na minha vida.

No início dos anos 1980, tínhamos fundado a PJMP (Pastoral da Juventude do meio Popular) que, assim como outros movimentos da Igreja Católica (CEB's, CPT, APN, JOC, Pastoral Operária⁷, etc.), tinham como referência a Teologia da Libertação e se pautavam pelo chamado Documento de Puebla, elaborado pelos Bispos latino-americanos, na cidade de Puebla, México em

⁷ CEB's - Eclesiais de Base, CPT- Comissão Pastoral da Terra; APN – Agentes de Pastorais Negos – Todas as entidades de leigos ligados a igreja católica progressista; JOC –Juventude Operária Católica.

1979. A essência dessas orientações episcopais era a “opção preferencial pelos pobres”, onde clamavam por uma articulação não contraditória entre fé e política. Uma política que repensasse a necessidade de construção de sociedades mais justa e que pudesse pôr fim à fome e à miséria reinantes em diversos países da América Latina, em especial no Brasil.

No seio desses movimentos católicos progressistas dos quais fazia parte a PJMP, aprendia-se a ler a bíblia pelo olhar dos excluídos e compreender que a fome e a miséria não eram o projeto de Deus para seu povo. E, através do famoso método de análise social “ver, julgar, agir, rever”, jovens dos mais diferentes cantos do Brasil, iam concebendo seu papel social de cristão e cidadão. Iam compreendendo que tinham uma árdua e desafiadora luta pela democracia, contra o latifúndio e pela reforma agrária, pela educação e contra o analfabetismo, pelo direito ao trabalho, contra a carestia reinante na época, pelo direito à moradia, dentre outros.

Esses encontros de formação sobre “Fé e Política” eram alegres, criativos e produtivos espiritual e intelectualmente. Este foi o espaço privilegiado de formação inicial de Trindade, assim como de muitas e muitos de nós. Ela sempre reconheceu isso em suas falas. Nesse período já se mostrava uma jovem adolescente curiosa, perspicaz e com grande espírito de liderança,

Francisca Trindade foi influenciada também pelo seu pai, seu Trindade, como nós o chamávamos. Católico praticante, líder na sua igreja e muito respeitado na comunidade católica do bairro Água Mineral, em Teresina, mostrou, pelo exemplo, a importância de ser ativo e atuante na sociedade. Francisca Trindade demonstrava ter muito orgulho dessa veia participativa do seu pai. E, não raro, quando ficáva-

mos até mais tarde na rua, e o jeito era irmos dormir na mesma casa, na dela ou na minha; mesmo entrando de ponta de pé, seu Trindade sempre despertava e resmungava alguma reclamação.

Dona Lídia, a mãe, era mais tranquila e sempre deixava uma comidinha a mais, pois já desconfiava que vinha alguma das amigas dormir e sempre chegavam famintas. Na minha casa também era assim, dona Sebastiana, minha mãe, por quem a Trindade tinha imenso carinho, tinha sempre um cafezinho bem cedo da manhã quando ela ia dormir na minha casa. Havia uma proximidade muito grande dela com a minha família, especialmente com minha irmã Fatinha. A sua morte foi uma grande perda para nós.

Compreendo que a pessoa em quem a Trindade se tornou está articulada a vários vieses. Um deles foi a conjuntura própria dos anos 80 e início dos anos 90, com o efervescer dos movimentos sociais de periferia no Brasil e, no nosso particular, em Teresina. No bojo das grandes lutas pelo fim da ditadura e pelas eleições diretas, movimentos sociais pipocam em todas as frentes. Recrudescem com muita força os movimentos populares de bairros e favelas reivindicando, principalmente, o direito à moradia, explodindo, em vários cantos da cidade de Teresina, as ocupações de terra: Risoleta Neves, Vila da Paz, Vila Irmã Dulce; Alto da Ressureição, são alguns dos exemplos dessas iniciativas populares organizadas que colocam em prática o refrão da música de Geraldo Vandré: “quem sabe faz a hora, não espera acontecer”, que aliás era o hino que embalava essas lutas.

Essa gente, após levantarem seus barracos em terrenos ocupados na marra, iam para as praças de Teresina e para a frente do prédio da prefeitura e do palácio de Karnak reivindicar melho-

rias: água encanada, luz, calçamento, creche, escolas para seus filhos, etc.. Dessa conjuntura de grandes lutas política, surge muitas lideranças, muitas delas bem jovens, Trindade é uma dessas.

Inteligente e determinada, Trindade vai ampliando sua liderança para além do bairro Água Mineral, sendo presença marcante nesses movimentos de luta pela moradia, articulando outras lideranças de periferia, não só de Teresina, como de outras cidades do interior do Piauí. Este movimento culminaria com a fundação da FAMCC (Federação de Associações de Moradores e conselhos Comunitários do Estado do Piauí). Trindade passa a fazer parte da direção e, posteriormente, vai se tornar presidenta desta entidade.

Ao fazer 18 anos já era uma militante conhecida. Filia-se ao Partido dos Trabalhadores, tendo aí um tripé de espaços formativos e de atuação: igreja, movimentos sociais e partido. Torna-se atuante nessas três instâncias de participação social. E são nesses espaços que Francisca Trindade vai conviver com muitos/as mulheres e homens com experiências acumuladas na militância política partidária e social, e que será, como ela sempre reconheceu, a sua escola da vida, a sua universidade do saber. O saber popular vivenciado na prática, mas também articulado ao saber intelectual: nos cursos de formação política, nas participações em eventos estaduais e nacionais e ainda como estudante da Universidade Federal do Piauí, nos cursos de Teologia e de Filosofia que ela cursou.

Assim, pode dizer que Francisca Trindade incorpora o que Antony Gramsci define como intelectual orgânico, ou seja, um tipo de intelectual que se mantém ligado à sua classe social originária, atuando como seu porta-voz. (Gramsci, 1982.) Como reforça Giovanni Sameraro, “são agentes que elaboram concepções ético-po-

lítica, culturais, educativas e organizativas para assegurar a hegemonia social e o domínio estatal da classe que representa”.

Na sua militância política, sua prioridade sempre foi procurar soluções para os grandes e graves problemas enfrentados pela periferia de Teresina. Destaque-se, ainda, sua qualificada participação no movimento negro, tendo sido uma das fundadoras do “Grupo Afro Cultural Coisa de Nêgo”, por exemplo.

Todavia, a partir do seu primeiro mandato como vereadora, em 1994, início sua vida parlamentar, e depois como deputada estadual e seu breve mandato de deputada federal em 2003, quando veio a falecer inesperadamente, Trindade já não era apenas uma representante de causas populares, ela era muito mais que isso. Era a liderança política e a parlamentar mais popular de Teresina e uma das mais importante do Piauí. Com sua breve passagem como deputada federal deixou sua marca na política nacional, com sua marcante atuação na câmara federal.

Ela era admirada pelo povo. Aliás, andar no centro de Teresina com Trindade era terrível. Eu sempre dizia: “mairmã, não dá pra andar contigo nas ruas desta cidade”.

As pessoas a cercavam para elogiar, para pegar na mão, para abraçar, para reivindicar coisa para o bairro, e alguns, é claro, para fazer alguns pedidos pessoais. E ela ia ouvindo, explicando as cobranças e dando um jeito de seguir com muito custo. A empatia da Trindade com as massas era algo natural.

E, quando era necessário dizer não, ela dizia, caso a solicitação não fosse possível. Era muito sincera e verdadeira, pois sempre se via como parte do povo que ela representava.

Importante compreender que uma liderança popular como a Trindade só se constrói nas vivências concretas e organizadas, na convivência com o povo e com outros e outras agentes sociais. E com ela foi assim. Muitos companheiros/as homens e mulheres já curtidos na luta foram seus contemporâneos. Pessoas que vinham do enfrentamento à ditadura militar, sindicalistas já experientes no enfrentamento da luta de classe, no campo e na cidade; militantes do movimento negro e do movimento de mulheres curtidas na luta contra o racismo e a violência do machismo. Esse foi o ambiente favorável com o qual ela se identificou, e se educou politicamente. Ela não se fez só, se construí no coletivo onde foi se tornando uma das maiores lideranças das lutas dos negros, das mulheres e das classes populares, da década de 1980 ao início dos anos 2000.

Muitas e muitos de nós também assumimos esse mesmo compromisso de construir uma sociedade mais igualitária. O que diferenciou a Trindade e lhe destacou foi um grande carisma pessoal, uma empatia singular na convivência com o povo, uma grande capacidade de liderança, um discurso bem articulado e uma grande vontade de vivenciar este espaço político. Isto ainda em tempos tão machista, burguês e branco. Sendo ela mulher, negra e periférica, precisava ser ousada e isso ela era. Ali ela quebrou as barreiras de gênero, de raça e de classe.

E aqui cabe a célebre frase de Ângela Davis, ativista negra estadunidense, que diz: “quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela”. A Trindade representou bem este pensamento ao dinamizar esse novo lugar da mulher negra que não transige diante das dificuldades, visto que no caso dela foram muitas: financeiras, educacionais, de cor, de gê-

nero e até física, devido ao trágico acidente que sofreu. Nada conseguiu parar aquela mulher bonita, jovem, determinada e teimosa.

A presença da Trindade no alto escalão da política piauiense e brasileira, era a presença da mulher negra, dos pobres, era a presença dos jovens da periferia, era a presença dos excluídos que se identificavam muito com ela. Ela tinha explicitamente esta consciência de representação de classe, e fazia questão de ressaltar nos seus discursos, nas reuniões, no partido.

E mais uma vez pode-se reportar à ideia de intelectual orgânica como sendo aquela líder popular que enfrenta, que organiza as massas, que discute, que escreve, que fala, que expressa a voz dos excluídos. Não por eles, mas com eles.

Não digo que Trindade tenha sido melhor que muitas outras pessoas que foram e/ou ainda são muitos boas militantes. Todavia ela tinha algo que a destacou: uma grande perspicácia política. Ela amava fazer política, era seu mundo e ela sabia vivenciar esse meio com esperteza e correção. Muitas vezes ela impressionava com a capacidade que tinha de analisar previamente o jogo político. E neste contexto sempre primou pela ética e pelo interesse coletivo.

Ela tinha uma autoestima impressionante. Se achava bonita e inteligente e adorava uma farra, uma boa conversa com as amigas e amigos numa mesa de bar, num restaurante ou na casa dos mais íntimos. Um desses lugares era a casa da minha mãe. Juntávamos um grupo de amigas e ficávamos até tarde. Nessas ocasiões ela relaxava, sorria, se falava amenidades, apesar de que a política sempre entrava na conversa. Não raro rolavam algumas divergências políticas também. Era também ciumenta, tinha um ciúme danado das

amigas e, como toda estrela, gostava de ser o centro das atenções. Isso lhe rendia algumas gozações. Ela, claro, discordava.

Recordo-me de algumas coisas bem pitoresca que a tirava do sério as vezes. Um feliz andarilho dos bares de Teresina, assim como nós na época, ao encontrá-la recitava sempre o ele dizia ser um poema: T- R- I- N- D-A-D-E, falando, assim, separadamente cada letra. Ela o olhava com uma cara de pouco agrado e quem estava na roda sorria. Ela sempre diz: “ai Nonatim tu é chato.” Muitas vezes ele nos dava carona até nossa casa, coisa muito significativa pra quem andava de ônibus corujão nas madrugadas de Teresina.

Noutra ocasião, em meados dos anos 90, estávamos ali pela praça do Teatro 4 de setembro, quando o humorista João Cláudio se aproxima e lhe fez uma singela provocação com a pergunta: “Onde tu é feliz Trindade?” E ela fechando a cara respondeu: “Deixa de ser antipático João Cláudio”. Ele fazia referência a uma música muita cantada nas manifestações do movimento de periferia que tem como refrão a frase: *“Eu sou feliz é na comunidade, é na comunidade que sou feliz”*. Ela sempre cantava essa música nas manifestações. Aliás ela gostava muito de cantar. Sim, era bem afinada.

Quando tive a minha primeira filha, a Zaira, sempre que Trindade a via ela expressava:

“- Oh nêga, eu quero ter uma menininha linda assim que nem a Zaira.”

Desejo felizmente realizados poucos anos depois com o nascimento da Camila, sua primeira filha.

Em 1991, Trindade sofre um grave acidente e fica alguns meses internada no Hospital Getúlio Vargas. As amigas se revezam com a família como acompanhantes. E, em uma dessas minhas estadias com ela, Trindade me faz a seguinte pergunta:

“- Chiquinha, o que tu acha de eu sair candidata a vereadora?”

Olhei pra ela e fui taxativa:

“- Tá doida, isso não é hora de ser candidata não, tu tá internada num hospital, o que importa agora é tua saúde. Eu sei que isto já vinha sendo pensado, mas agora tu tá doente, com esta perna assim, vai demorar voltar a andar...”

Ela imediatamente argumentou que não podia deixar passar a ocasião, que tinha chance e etc.etc. Bom, ela saiu candidata, foi muito bem votada, como primeira suplente de vereadora teve chance de assumir o mandato por dois anos e, estava dada a largada para uma vitoriosa e meteórica carreira parlamentar. Como disse antes, ela tinha uma visão política incrível e uma grande capacidade de articulação e liderança.

Destaco, enfim, que Trindade sempre primou pela construção coletiva. E seu legado foi possível devido a um grande número de companheiros/as que lhe deram suporte na sua atuação. Neste texto, preferiu-se não nomear pessoas, todavia foram muitas, sem as quais não seria possível, tão brilhante atuação. Companheiras/os das primeiras horas, pessoas que foram ampliando este leque políticos, as/os companheiras/os do partido, da FAMCC, da igreja. Depois vieram os assessores e todo um leque de pessoas que lhe proporcionaram ser a personagem importante que foi, pois como diz o ditado popular “uma andorinha só não faz verão”. Ela sabia muito bem disso.

E termino lembrando que além de tudo que se falou desta negra menina, guerreira mulher, nunca imagine a Trindade sem um batom vermelho em sua boca marcante, um telefone por perto, (antigamente eram muitas fichas telefônicas na bolsa), e um bom traje que lhe deixasse bonita.

Seu legado precisa ser conhecido pelas novas gerações.

Trindade vive.

Referências

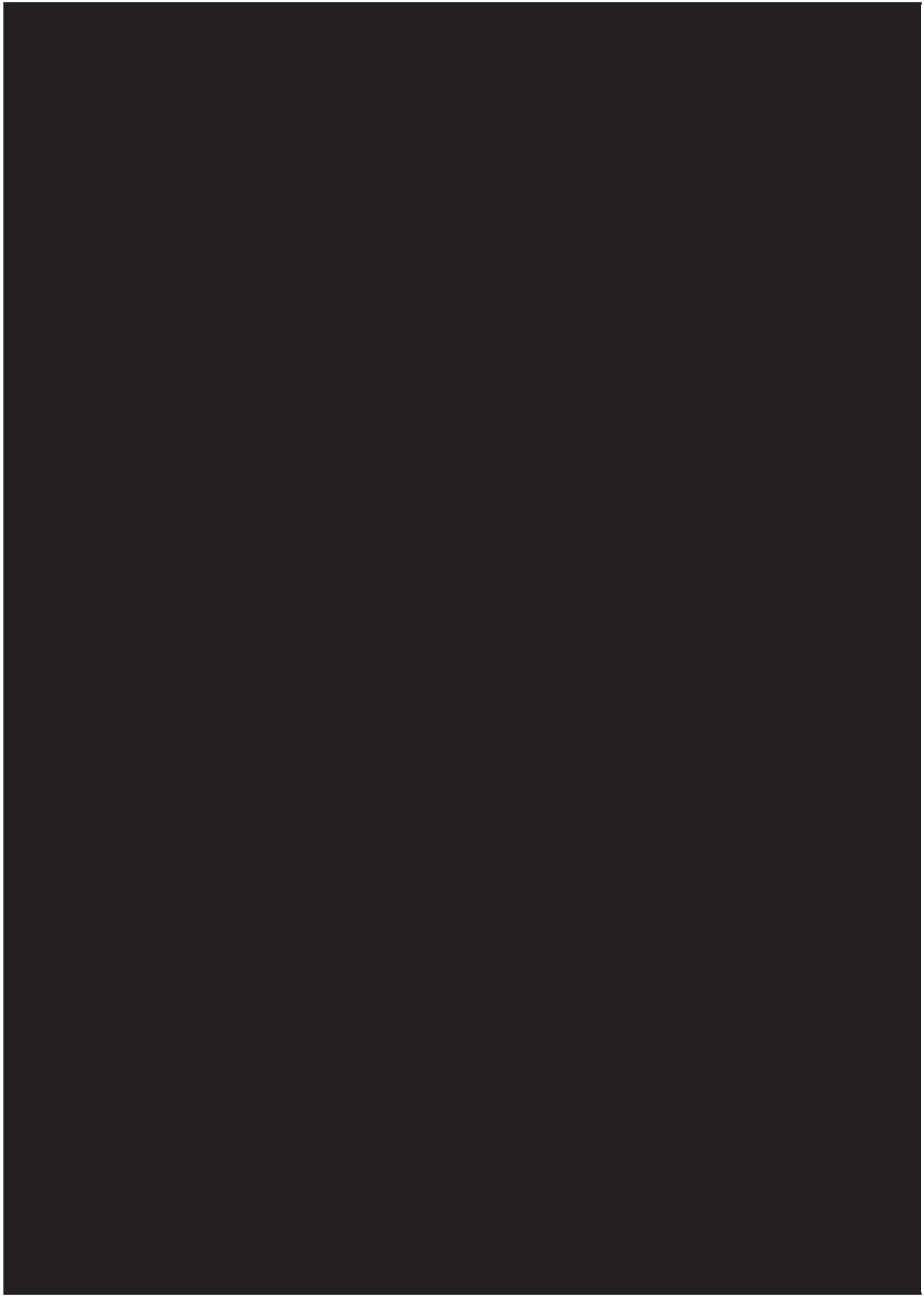
GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: civilização Brasileira, 1982.

JESUS, Maria Carolina. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Ática, 2019.

SANTOS, Sergio Baptista. Gramsci e o intelectual orgânico. Disponível em <https://www.justificando.com/2019/11/22/gramsci-e-o-intelectual-organico/>, acesso 15/02/21

SEMERARO, Giovanni. *Intelectuais “orgânicos” em tempos de pós-modernidade*. Disponível em <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622006000300006,> acessado em 15/03/2021.

TERRA, Sônia/ BEZERRA, Assis. “Filha da cor”. Disponível em <<https://piaucult.com.br/?p=album&id=162>>, acessado em 13/03/2021.



**FRANCISCA
TRINDADE:
O PROTAGONISMO
DA MULHER NEGRA
NO PARLAMENTO**

[Conceição de Maria de Sousa e Silva]

*A política não se situa no polo oposto de nossa vida.
Desejemos ou não, ela permeia nossa existência,
insinuando-se nos espaços mais íntimos.*

Ângela Davis

Quando fui convidada pela professora Assunção Sousa para compor a equipe para produção deste livro de memórias sobre Francisca Trindade, prontamente disse “sim”. Aceitei o desafio primeiro, por não me ver fora da “feitura” do livro; segundo, porque vivenciei por um bom tempo as experiências, junto a outras pessoas, de sua militância política e das lutas do movimento social de base (moradia, mulheres, negros (as), Juventude, movimentos da periferia etc.).

No parlamento, compartilhamos a primeira experiência, em 1994, quando fui convidada para a assessoria do gabinete do então vereador Wellington Dias, onde, neste período, ela era coordenadora do único mandato do PT, e eu, como assessora, uma espécie de *ombudsman* como o próprio vereador comentou à época.

Optei nesse artigo em enveredar minhas contribuições mais pelos caminhos da experiência parlamentar, mesmo tendo consciência de que não dá para dissociar o parlamento e militância

social, quando se trata de Francisca Trindade. Ela soube associar muito bem os dois campos com grande maestria. Para nós, é muito importante a participação de uma mulher negra, em um ambiente estritamente feito para homens, brancos da elite dominante.

Trago comigo algumas memórias das lutas e dos grandes momentos de construção coletiva para que outras mulheres negras e pobres pudessem se ver e ser reconhecidas dentro deste espaço fechado com ritual que excluem setores da população do direito a participação política.

Trindade rompeu com esse rito. A sua atuação e sua chegada ao parlamento municipal nos fez ver que também podemos. Que a periferia pode; que os pobres podem; que as mulheres negras podem ocupar esses espaços. Uma mulher que subiu e que abriu espaços para outras mulheres negras da periferia e demarcou seu lugar de fala. Ela como política e cidadã surge das experiências vivenciadas a partir do testemunho de uma ação pastoral encarnada na vida do povo e leva essa experiência para sua vida como militante social e como parlamentar.

No período de eclosão e consolidação do movimento de mulheres negras nos Estados Unidos (1960-1980) e durante a década de 1970 no Brasil, uma frase surtiu grande efeito que moldou a maneira de atuação das mulheres negras que buscavam sua inserção nos espaços de poder: “Erguemo-nos enquanto subimos”. Essa frase cunhada pela (Associação Nacional das Agremiações de Mulheres de Cor), tornou-se uma simbologia para as narrativas das ativistas negras, ao demonstrar que era fundamental a ocupação do espaço da política, e do poder pelas mulheres negras, porém,

o fundamental, era demarcar os espaços de construção de políticas que pautassem, enquanto ação impositiva, o enfrentamento ao racismo, e a luta contra as diversas formas de opressões que as mulheres negras estavam sujeitas.

O feminismo negro em vigor no mundo todo, veio para reforçar a urgência da participação das mulheres negras como protagonistas da luta social e política, e escancara as desigualdades existentes na sociedade contemporânea em suas diversas faces, que coloca homens e mulheres em campos opostos, e que “justificaram essas desigualdades na natureza diferenciada dos dois sexos, onde lhes são atribuídas funções diferenciadas”. Assim, se levássemos em consideração essa concepção, as mulheres nunca teriam conquistado seu espaço na política, nem em cargos públicos, visto que, este tem sido, um espaço construído para os homens.

Para (MIGUEL & BIROLI, 2015, p.17), o feminismo negro permitiu avançar na compreensão dos mecanismos de reprodução das desigualdades justamente ao exigir que a igualdade de oportunidades entre mulheres e homens não correspondesse a um silêncio sobre as mulheres que compartilham, com os homens que estão na base da pirâmide social, as desvantagens decorrentes de sua posição de raça e classe. Assim, o feminismo se definiu pela construção de uma crítica que vincula a submissão da mulher na esfera doméstica à sua exclusão da esfera política.

“Erguemo-nos enquanto subimos”. Unir ativismo político na defesa das lutas de massas, com a política eleitoral, com o objetivo de a longo prazo, levar a transformação fundamentalmente das condições socioeconômicas que produzem e alimentam de

maneira contínua, as várias formas de opressão que atingem as mulheres negras” (DAVIS, 2015).

Essa conjuntura de lutas sociais e políticas replica também aqui em nosso Estado. Durante esse período, surgem NOVOS jovens e grandes lideranças populares. Uma dessas lideranças em ascensão era Francisca Trindade, uma jovem negra da periferia que teve seu início na vida pública, participando em sua comunidade, Bairro Água Mineral, da Pastoral de Juventude, da catequese e da associação de moradores. Foi secretária da Pastoral de Juventude do meio Popular, que se diferenciava em suas ações da Pastoral de Juventude, por ter como mística, além do desenvolvimento do verdadeiro espírito cristão na juventude, com seu testemunho e engajamento na comunidade, também prezava pela formação política desses jovens da periferia, estimulando-os para o surgimento de novas lideranças juvenis, a partir da opção preferencial pelos pobres, defendida pela igreja progressista da Teologia da Libertação.

Tive os primeiros contatos com Trindade nos anos idos da década de 1980. Ela militante do movimento de Bairro, da FAMCC e da Pastoral de Juventude do Meio Popular da Arquidiocese de Teresina, onde já se destacava com grande capacidade de articulação e de fala: suas grandes marcas. Possuía uma eloquência ao falar, com a qual conseguia convencer as pessoas sobre as suas condições de vida e sobre a urgência da organização social coletiva para transformar a realidade de pobreza e descaso.

Eu estava na militância do movimento contra a Carestia, grupos de Evangelho e Pastoral Operária do bairro onde morava, o Parque Piauí. Na época, este bairro serviu como cenário para o

surgimento de diversos movimentos que depois culminaram na construção de um movimento político que daria origem ao Partido dos Trabalhadores.

Trindade conseguiu durante todo seu percurso de vida demarcar o lado que escolheu para estar e se posicionar sempre na defesa das pessoas menos favorecidas. Nunca teve dúvidas de estar do lado dos mais desassistidos da sociedade. Surge como uma força dirigente, capaz de mobilizar pessoas para um projeto maior: a chegada aos espaços de poder para transformá-lo em instrumento e serviços para a população e não para enriquecimento das elites. Para a ativista Angela Davis,

O ofício no ativismo político envolve inevitavelmente certa tensão entre a exigência de que sejam tomadas posições em relação aos problemas atuais, à medida que eles surjam, e o desejo de que sua contribuição de alguma forma, sobreviva a ação do tempo (DAVIS, 1980. p.14).

Foi com essa consciência que Trindade vivenciou e experimentou o processo de organização social. Ela soube associar sua experiência enquanto militante social com a militância política, buscando sempre intervir na realidade, deixando suas marcas em todas as ações realizadas. A luta se tornara grande, desafiadora e desigual, pois existe uma tradição predominante na política nacional, e em especial na política piauiense, da pouca representatividade da mulher e da população negra no campo das ações políticas. E aqui me refiro

em especial à participação da mulher negra no parlamento e no executivo. Mesmo com pouco tempo de atuação parlamentar.

O jeito como se estrutura o sistema político no país, com a prevalência de representantes das elites políticas, tem sido obstáculo para a participação de setores populares por apresentar também características fortes do racismo e do machismo.

Essa realidade contribui para que as mulheres negras sejam as mais atingidas em relação a falta de representatividade nas instâncias sociais e políticas, herança do racismo implantado em nossa sociedade. Percebemos este fenômeno em todos os campos da vida social, sendo necessário e urgente de ser enfrentado e encarado pelo movimento de mulheres. Por isso temos que aprender a vibrar cada conquista onde estiver presente uma mulher negra. Este é um aprendizado que devemos buscar construir.

O surgimento do Partido dos Trabalhadores, na década de 1980, veio também quebrar esse paradigma. O Partido contou logo na sua origem com uma grande presença feminina, mesmo que, muitas vezes quando se fala do partido, as referências estão arraigadas na predominância dos homens, porém as mulheres têm honrado sua presença de forma efetiva nesses 41 anos.

A história do PT é também a história de luta das mulheres por uma sociedade mais justa e igualitária. O Partido reconhece a discriminação histórica que sofrem as mulheres na sociedade e essa discriminação se reproduz nos vários setores da sociedade. Por isso em suas resoluções partidárias, o partido tem buscado reafirmar seu compromisso com o fortalecimento da participação política das mulheres internamente e fora do partido.

Trindade como parlamentar perseguiu de forma incessante essas lutas, que se tornaram foco também de sua atuação como parlamentar. Importância merecida a presença feminina e suas pautas, tanto no nível das iniciativas e das lutas políticas, dentro do partido, como externamente. O PT foi o primeiro partido a trazer essa pauta como destaque.

No percurso da história, vez ou outra aparecem pessoas para romperem os modelos impostos pela sociedade. Francisca Trindade é uma dessas pessoas. Ela como muitas outras de seu tempo, jovens, mulheres, homens das periferias, provocou uma ruptura no ciclo da política piauiense, mostrando que pessoas humildes também podiam sonhar e realizar sonhos coletivos de se produzir um mundo mais humano, através da via parlamentar, rompendo os estigmas e as ideias de que a política é um ato feito somente por homens e para as elites políticas.

Ao escrever este artigo sobre a trajetória de vida de Francisca Trindade, busco externar sobre seu protagonismo na vida política, mesmo reconhecendo às adversidades apresentadas no seu percurso, porque teve que quebrar os paradigmas de uma sociedade excludente e preconceituosa, que impede a participação de mulheres, negros, pobres, dos processos sociais.

Com uma presença muito firme e marcante nas lutas em defesa da moradia e dos movimentos da periferia com um discurso que contagiava a todos, Trindade surgiu como uma grande liderança popular. Possuía uma força imensurável que se apresentava numa mística de suavidade e grandeza.

Todo seu ativismo era consequência de um pensamento coletivo de pessoas que defendiam os mesmos projetos, as mesmas bandeiras políticas. Sua participação nesses movimentos fez surgir na década de 1990, a Federação das Associações de Moradores e Conselhos Comunitários do Piauí – FAMCC, sendo sua primeira Presidente, onde protagonizou lutas históricas por moradia popular para a população carente do Estado.

A sua atuação frente a FAMCC lhe credenciou em 1992 a concorrer a uma vaga de vereadora pelo Partido dos Trabalhadores, sendo a primeira suplente pelo Partido computando 998 votos. Assumiu a titularidade em 1994, quando da saída do então vereador Wellington Dias para a disputa ao cargo de Deputado Estadual.

Em 1996, foi candidata novamente a vereadora, sendo eleita com 4.270 votos a mais votada e a primeira mulher eleita pelo PT à Câmara Municipal de Teresina. No parlamento, se apresentou como uma grande parceira na defesa das pessoas das periferias, principalmente para os pobres, mulheres e para a juventude dos bairros de Teresina. Na eleição seguinte, em 1998 para deputada estadual, obteve 26 mil votos, sendo eleita a deputada mais votada em Teresina e a quinta do Estado; e na eleição para deputada federal em 2002, conseguiu a marca dos 165.190 votos, sendo a deputada mais votada do Estado do Piauí⁸.

Como militante social e política, Trindade buscou sempre seu empoderamento, mas também de pessoas que viviam em situação adversa à dignidade humana. Fez do parlamento, um cenário propício para uma maior participação popular, levando para

8 A trajetória da Estrela. Os 25 anos e História do Partido (2005).

esse âmbito, diversas pautas de cunho popular, como direito à terra, à moradia, à saúde, à educação e defendeu maior poder às mulheres. Davis assegura que no processo de empoderamento das mulheres negras

Devemos subir de modo a garantir que todas as nossas irmãs, independente de classe social, assim como todos nossos irmãos, subam conosco. Esta deve ser a dinâmica essencial de uma busca por poder; um princípio que deve não apenas determinar nossas lutas, enquanto mulheres negras, mas também governar todas as lutas autênticas das pessoas desposuídas. (DAVIS, 2015, p.19)

A participação de mulheres negras nos movimentos sociais e políticos tem seu valor inestimável, que marca um itinerário de lutas bem maior desses movimentos que se tornam instrumentos de grandes transformações e estimulam as mudanças na estrutura social, tanto no que diz respeito à luta contra o preconceito de raça e gênero quanto por reivindicar maior participação destas nos espaços de conquistas.

Por ser mulher e negra, a postura ativa de Trindade, como uma liderança que despontou no meio do povo marginalizado, nos faz reconhecer a necessidade preeminente de um envolvimento maior das representações populares nos espaços da política e da vida social, rompendo as barreiras impostas que impedem negros e pobres ascenderem socialmente.

Trindade lutou bravamente contra as diversas formas de preconceito e discriminação, combatendo na luta contra a corrup-

ção e pela transparência no uso dos recursos públicos de forma incansável. Como mulher negra e periférica, combateu o preconceito e o racismo, prática perversa que tem suas origens históricas no seio da sociedade e vem sendo recriadas e alimentadas ao longo de toda nossa história.

Logo quando assumiu à Câmara, um grande desafio se apresentava para o mandato popular; recebeu denúncia de desvio de verbas da Fundação Municipal de Saúde, a partir de provas documentais apresentadas através de um dossiê constituído para tal fim. Por ter denunciado o fato, Trindade foi processada por calúnia, injúria e difamação e sentenciada ao pagamento de dez salários-mínimos em valores da época e a prisão domiciliar por seis meses. O advogado Joaquim Almeida impetrou um habeas corpus que a inocentou da acusação.

Nas funções de chefe de gabinete, subchefe de gabinete e assessora legislativa, tanto na câmara quanto na Assembleia, contribuí na elaboração de importantes projetos apresentados por Trindade e que se tornaram leis. Cito alguns deles: o projeto “A praça é toda graça” que tinha como objetivo trabalhar aspectos lúdicos com crianças alunos e alunas da rede municipal de ensino, como forma de dar visibilidade às potencialidades culturais e artísticas dessas crianças. Este projeto foi lançado em espaço público (praça do Marquês) com a participação de alunos e professores de escolas do município; o serviço “Disque Mulher Cidadã” que era usado para denunciar a violência contra as mulheres; o projeto que tratava sobre a criação de um “Espaço de produção e comercialização” para favorecer as iniciativas produtivas dos pequenos produtores

que foi incorporado pela prefeitura de Teresina com o nome “Revitalizando os bairros” onde eram realizadas feiras semanais nos bairros da capital para venda e comercialização de produção dos grupos e associações. Outro projeto de grande envergadura apresentado, por ela, para os usuários do sistema de transportes foi o que aumentou o prazo de validade do “vale transporte” de 30 para 60 dias. A ideia original era de 30 para 90 dias, mas o mesmo foi modificado pelos vereadores.

No parlamento estadual, Trindade apresentou o projeto “Meu primeiro emprego” voltado para a juventude que buscava sua primeira experiência no mundo do trabalho, o projeto de criação das cisternas para captação de água de chuvas nos espaços públicos, como também o projeto que criava o Fundo Estadual de Habitação, dentre outros.

Muitas proposições, muitos projetos foram apresentados pelo Mandato Popular do Partido dos Trabalhadores, mas o que mais marcou nesse processo, foi a abertura para a participação popular no parlamento, através das audiências públicas, das tribunas livres nos bairros, da prestação de contas do mandato em praça pública, com a participação direta da sociedade e dos movimentos (o mandato no meio do povo); a luta por moradia popular, e o principal, a luta contra a corrupção e pela transparência no uso do dinheiro público, que por este motivo, ela passou a sofrer ataques e ameaças.

Trindade foi-se muito jovem, mas viveu numa rapidez de um cometa. Parece que tinha pressa de viver de forma intensa tudo o que podia e em tudo o que fazia. Ela começou a militância

muito jovem e concluiu seu breve tempo também de forma rápida. Como testemunhas que somos de sua passagem terrena, nos resta a lembrança, a saudade, mas também a certeza de que ela “travou o bom combate”.

A nós, companheiras e companheiros de militância e do Partido dos Trabalhadores, nos resta continuar aqui a luta e no compromisso de resguardar seu legado, e mais, transformar nossas atitudes em ações humanitárias para que todos e todas possam viver em dignidade. As utopias de Trindade, o desejo imanente de transformar a realidade, ainda estão presentes em cada um de nós, suas companheiras e companheiros, pois “o sonho ainda não acabou”, e a luta ainda é presente.” Trindade Vive”.

Referências

DAVIS, Ângela. *Mulheres, cultura e política*. Ed. Boitempo, 2015.

DAVIS, Ângela. *Mulheres, raça e classe*. Ed. Boitempo, (2016).

MIGUEL, Luis Felipe. BIROLI, Flávia. (Orgs). *Feminismo e política – Uma introdução*. Ed. Boitempo, 2015.

PARTIDO DOS TRABALHADORES. *A Trajetória da Estrela*. Os 25 anos de história do Partido dos Trabalhadores no Piauí. Edição Especial. Teresina, fevereiro de 2005.



EU TE OFERTO PALAVRAS!

[Assunção de Maria Sousa e Silva]

Às que lutaram e sonharam juntas por um mundo melhor.

A história da presença negra no Brasil nos mostra o quanto a autonomia, a desobediência civil, o destemor e a construção de alteridades negras foram e são importantes para conquista de espaços e de lugares sociais em que homens e mulheres tivessem e tenham poder decisório.

No Piauí, terra de Esperança Garcia⁹, há 19 anos perdemos uma mulher destemida, incansável na luta a favor do povo oprimido e contra a elite econômica e política piauiense. Por onde andava, Francisca Trindade levava alegria e esperança na conquista de nossa liberdade. Uma das reflexões preliminares que nos vem à mente sobre essa guerreira com quem convivemos, é que nela fluía e refluía o sentido de viver que negava ser o “outro” e a “outridade”¹⁰ demarcada pela banquitude. Isso se constata pelos confrontos e combates que ela nunca se negou e pela maneira que refutou a imagem de subserviente aos ditames da burguesia.

9 Mulher negra escravizada que escreveu uma carta ao Governador da Província do Piauí, 6 de setembro de 1770, denunciando maus tratos do Capitão Antônio Vieira Couto, administrador da fazenda dos Algodois. (SOUZA, s/d).

10 KILOMBA, 2019, p.33 – 46.

Francisca das Chagas Trindade¹¹ (1966 – 2003) viveu e deixou marcas indeléveis, proporcionando momentos valiosos e experiências significativas, mesmo que muitas vezes, atos, falas e atitudes não tenham sido compreendidos por muitas de seus/seus interlocutores/as. Francisca Trindade passou por uma curva ascendente que lhe permitiu duas consciências fundamentais: tornar-se mulher e exercer sua cidadania como pessoa negra neste país.

Sem protelar, Trindade foi construindo seu modo de ser política, negociando e reafirmando suas identidades. Nesse percurso, acolheu ecos e anseios dos companheiros e companheiras do mais íntimo círculo afetivo-familiar aos mais distantes que ela não conhecia, mas que passou a considerar como fundamentais para sua atuação política e inserção partidária. Ninguém nega sua honestidade e fidelidade aos sonhos e esperanças populares. Ninguém nega sua força propulsora para que os direitos sociais e humanos passassem a ser exercidos.

Trindade antes de ser vereadora e deputada estadual e federal piauiense foi uma militante de fé. Certamente pela passagem por grupo de jovens e pela Pastoral de Juventude do Meio Popular, optou imediatamente e de forma incisiva pela luta popular, porque uma coisa era ser pobre e outra era tomar consciência de que se devia fazer opção e lutar. Estávamos nos idos dos anos 80 e já começávamos a entender, ainda jovens, as tramas, as armadilhas dos jogos políticos e os efeitos de 20 anos de ditadura militar. Era tempo

11 Filha de Raimundo Pereira da Trindade e D. Lídia Maria da Trindade. Formou em Teologia e Filosofia (inconcluso). Casada com Edilberto Oliveira, com quem teve dois filhos. Faleceu, em 27/07/2003, São Paulo, em consequência de um acidente vascular cerebral (AVC), ocorrido quando fazia um discurso, no 1º Encontro Nacional de Pesca, em Teresina/PI, em 25/07/2003.

de abertura política, ensaios de uma liberdade ainda vigiada, começo de uma era de atuação de uma juventude corajosa e cheia de esperança.

Do segundo andar do Edifício Paulo VI¹², em Teresina, onde exerceu a função de secretária da PJMP¹³, Trindade reafirmava seu despertar para a realidade de exclusão e falta de perspectiva na qual vivia a maioria dos jovens do Piauí e do nordeste brasileiro. Também foi nesse espaço de discussão e reflexão que ela tomou conhecimento de assassinatos, massacres, emboscadas que vinham acontecendo contra trabalhadores e trabalhadoras rurais no norte e no nordeste brasileiros. Entendendo a dimensão da luta urbana, ela começou a perceber que não só a população do bairro Água Mineral¹⁴ – zona norte, mas também a dos demais bairros periféricos de Teresina sofriam com a falta de saneamento básico, subemprego e/ou desemprego e com o déficit e/ou precarização da moradia. A fome campeava (por isso a faixa exposta quando da vinda do Papa João Paulo II, ao Piauí, por jovens piauienses, em 1983, *PAI NOSSO O POVO PASSA FOME*). Havia milhares de crianças e jovens fora das salas de aula, escolas depauperadas e o descaso público às escancaras.

12 Sede dos movimentos pastorais arquidiocesanos no Piauí, na época.

13 Pastoral de Juventude do Meio Popular, ligada às Arquidioceses brasileiras, com função de zelar pela formação e organização dos jovens pobres das periferias das cidades articulando em nível municipal, regional e nacional.

14 Trindade fundou com grupo de moradores e presidiu a Associação de Moradores do bairro Água Mineral e participou da criação da Federação das Associações de Moradores de Teresina.

[...]

Tantas caras tristes
querendo chegar
em algum destino
em algum lugar

Trem sujo da Leopoldina
correndo correndo
parece dizer
tem gente com fome
tem gente com fome
tem gente com fome

[...]

Mas o freio de ar
todo autoritário
manda o trem calar
Psiuuuuuuuuuuuu

(Solano Trindade)¹⁵

15 Poeta e militante político. Fundou a Frente Negra Pernambucana e o Centro de Cultura Afro Brasileiro.

Constatando isso, a companheira militante opta pelo compromisso de lutar por um Brasil mais igualitário e menos subserviente ao domínio financeiro internacional pela via parlamentar. Sua entrada na política partidária¹⁶ foi motivada pela cruel realidade testemunhada e pela ânsia de viabilizar a mudança do estado de precariedade histórica dos segmentos menos favorecidos com vista à condição de maior dignidade e justiça social.

Trindade tinha sonhos e o maior era de termos uma sociedade de iguais na diversidade, preservando o equilíbrio e justiça social, construídos e mantidos não pelo assistencialismo e o continuísmo do fosso entre ricos e pobres, mas pela equidade. Por isso, quando revemos sua atuação como parlamentar, não podemos deixar de perceber suas atitudes políticas assentadas no compromisso com os excluídos: mulheres, negros /as e aqueles que de uma forma ou de outra foram alijados do processo econômico, vitimados pelo sistema capitalista perverso.

Francisca Trindade fortaleceu sua consciência étnica, de gênero e de classe no processo de atuação e, desde o começo, isso não foi tranquilo. Tomar partido dentro do partido (Partido dos Trabalhadores) fez-lhe pagar alto preço, redimensionar planos, modificar estratégias para conquistar e conservar seu espaço. De saltos em saltos, o enfrentamento com as forças políticas dissonantes lhe mostrava que fazer política no Brasil muitas vezes é dá murro em ponta de faca; ao mesmo tempo que requer no combatente presteza, astúcia e altivez para suportar e combater raposas velhas, gatos-maracajá, tubarões e salamandras.

16 Filiou-se ao Partido dos Trabalhadores, em 1985.

Isto, porém, em nenhum momento a fez desanimar ou esmorecer. Havia uma luta maior reforçada por doce e sedutora vaidade e pelo desejo de ser alguém capaz de ultrapassar as barreiras históricas e sociais impostas e de mostrar que era possível uma mulher negra, nordestina conquistar o poder e legislar sempre a favor dos segmentos historicamente excluídos.

Se esse partido não fizer fica difícil que outros façam.¹⁷

Os projetos de lei apresentados por ela, tanto na Câmara de Vereadores¹⁸ de Teresina quanto na Assembleia Legislativa do Piauí¹⁹, em mandatos subsequentes, confirmam sua preocupação e compromisso político. Na Câmara de Vereadores, Trindade respondeu às reivindicações populares com projetos transformados em leis como “Disque Mulher cidadã”; aumento da validade dos vales transportes para dois meses e a “Praça é toda graça”, facilitando à população pobre e majoritariamente negra o espaço de produção e comercialização de produtos hortifrutigranjeiros nos próprios bairros. Por outro lado, a jovem companheira nunca se absteve de denunciar desmandos e artimanhas dos políticos da elite política do Piauí a ponto de, em certo momento, correr o risco de prisão.

Em seu mandato na Assembleia Legislativa do Piauí, sintonizada com a luta dos trabalhadores, apresentou o projeto de lei que

17 Trindade em entrevista ao Programa *Mulher no Parlamento* da TV Câmara, em 2002.

18 Eleita primeira suplente de vereador em 1992 - efetivando seu mandato em 1994 e reeleita vereadora em 1996.

19 Deputada estadual eleita em 1998.

criava o Fundo de Geração de Emprego e Renda e outros de singular importância, especialmente os que criaram o Conselho Estadual dos Direitos Humanos, Conselho Estadual de Defesa dos Direitos da Mulher, Fundo de Incentivo à Segurança Pública, Programa de Combate à Discriminação Racial, além do que instituiu o Departamento Estadual de Combate ao Abuso Sexual Infanto-juvenil.

Nós somos jovens do meio popular / nossa liberdade vamos conquistar²⁰.

Os anos 80 e 90 no Brasil foram de grande efervescência. Estávamos saindo de um regime ditatorial cujos efeitos afetavam de forma drástica a vida da população pobre. O “milagre econômico”, midiaticamente propagando nos idos dos anos 70, deflagrava que tínhamos que esperar o bolo crescer para distribuir as fatias que nem de longe chegava à mesa do trabalhador e da trabalhadora brasileiros. Por isso ressoava em nós, jovens, os gritos descontentes propagados pelo Movimento contra a carestia, Movimento Sindical, Movimento Estudantil, CEBs²¹ e CPT²². E uma das maneiras iniciais que encontramos para fortalecer a luta foi parti-

20 Lema da PJMP.

21 Comunidades Eclesiais de Base. Comunidades com propósitos de inclusão social da classe popular, da Igreja Católica, alinham preceitos bíblicos com a realidade sociopolítica vivenciada. Comunidades incentivadas e fomentadas pela Teologia da Libertação.

22 Comissão Pastoral da Terra, vinculada a CNBB. Movimento de trabalhadores/as rurais que lutavam pela terra. Segundo Ivo Poletto, “os verdadeiros pais e mães da CPT são os peões, os posseiros, os índios, os migrantes, as mulheres e homens que lutam pela sua liberdade e dignidade numa terra livre da dominação da propriedade capitalista”. Disponível em <http://www.cptnacional.org.br/index.php/quem-somos/-historico#sthash.SxctUhzg.dpuf>.

cipar alinhando fé e política, através da PJMP²³, fazendo constante e acolhedor diálogo com outras instâncias de jovens como JOC²⁴, JUC²⁵, Movimento secundarista e Pastoral Universitária, não só do Piauí como do Brasil. O romântico lema “Nós somos jovens do meio popular/ nossa liberdade vamos conquistar” era mote de cantos e gritos ressonantes e, sobretudo para muitos de nós, mola propulsora para adentrar nos movimentos sociais e políticos, como o de mulheres e de negros.

As leituras e debates fortaleciam nossas atitudes políticas, mas também nossas aspirações individuais e assim Trindade chega ao ensino superior. Muitos ainda hoje não imaginam o quanto isso representava e representa para uma jovem pobre da periferia de qualquer cidade brasileira. Conhecer novas possibilidades teóricas para pensar não a deixava esquecer que aquele universo que ora mergulhava só fazia sentido inter-relacionando mundo acadêmico com a realidade das mulheres, especialmente negras, das crianças, dos adolescentes e dos idosos pobres.

Para ela, a teoria sem a prática de modificação da realidade social tornava-se oca e insignificante. As nossas conversas sobre isso não eram raras. A admiração que ela expressava pelo conhecimento obtido na universidade não era maior do que aquela que tinha pelos/as e com os/as trabalhadores (as) na luta nos sindicatos

23 Pastoral de Juventude do Meio Popular – movimento da Igreja Católica, empenhado em evangelizar os jovens da classe popular, cuja atuação se fez intensa na década de 1980.

24 Juventude Operária Católica. Movimento que desenvolve ações de conscientização e modificação da realidade dos jovens trabalhadores por, para e entre eles.

25 Juventude Universitária Católica. Movimento de organização e mobilização dos jovens universitários e católicos brasileiros, de onde surgiram líderes da União Nacional dos Estudantes (UNE).

e nas ruas por melhores condições de vida. Assim, suas reflexões se pautavam no aforismo que repetíamos: “A fé sem obra é morta”. Como são mortos os discursos sem ação, a celebração oficial estéril, oca e engessada que ainda se faz em nome do povo, trapaceando-o.

Os anos de 1980 e 1990 foram marcantes para a reconstrução dos movimentos sociais e populares. Os dados da situação socioeconômica das mulheres e dos negros brasileiros eram estarrecedores. Naquela época, o fosso entre a elite brasileira e a população continuava em ascensão. Neste cenário de exclusão, as mulheres pobres e, como já frisamos, negras sofriam com a tripla jornada de trabalho ou, senão, com desemprego, agravada tal situação com o aumento da violência física e psicológica dos maridos, “companheiros”, ou mesmo pai e/ou irmão.²⁶Cenário que continua atual. A trágica aliança entre a exploração do trabalho e a violência sexual abalavam e atrofiavam a vida de muitas mulheres da periferia urbana, levando-as a baixa autoestima.

O movimento de mulheres brasileiro reforçava as trincheiras de luta para a conquista de uma vida de mais autonomia e igualdade de direitos. A pesquisadora Sueli Carneiro em esclarecedor artigo nos aponta os avanços dos anos 80 com a Constituição de 1988 que dentre outros destituiu o pátrio poder. Como também é em 1988, que se cria o Conselho da Condição Feminina, cuja função era promover a igualdade de gênero e combater a discriminação contra as mulheres. Também foi pelas lutas do Movimento de Mulheres desta década que se clamou para que as Administrações

²⁶ Situação que só começaria a ser visibilizada, denunciada e buscadas soluções com a Lei Maria da Penha, Lei nº 11.340/2006.

Públicas criassem as Delegacias Especializadas no Atendimento à Mulher; assim como os abrigos institucionais de proteção à mulher vítima de violência.

Sueli Carneiro²⁷ também nos lembra que há muito tempo, mesmo que silenciadas durante décadas, as mulheres sempre lutaram para que tivessem autonomia tanto financeira quanto e mais arduamente, sobre seus próprios corpos para a experiência do prazer da sexualidade; para decidir quando poderia ou não ter filhos, resultando na conquista de direitos não só para si, mas para todas as pessoas. Estas metas fazem parte da Plataforma Política Feminista da Conferência Nacional de Mulheres Brasileiras, realizada em junho de 2002.

Por outro lado, o Movimento de Mulheres reforçava outras lutas no seio do processo de democratização que o país iniciara. Assim, junto com outros movimentos, as mulheres participaram ativamente da luta pela anistia, da luta contra a carestia e pelas principais necessidades femininas: luta por creche, luta pela descriminalização do aborto que atingia igualmente as mulheres de todas as classes sociais, levando a traumas e a grande índice de mortalidade feminina. No entanto, segundo Carneiro, o feminismo estava ceifado por uma “visão eurocêntrica e universalizante das mulheres” cujo resultado era o não reconhecimento das diferenças e desigualdades no interior do movimento. Portanto, era e ainda é fato corrente a mulher negra sofrer múltiplas discriminação: biológica, social, étnico-racial e de gênero, isto é, como mulher, pobre,

²⁷ Filósofa, pesquisadora e ex-diretora do Geledés - Instituto da Mulher Negra (<https://www.geledes.org.br/>). As reflexões de Sueli Carneiro são aqui referenciadas a partir do artigo “Mulheres em Movimento”, publicado na Revista Estudos Avançados, 17 (49), de 2003.

negra, trans, lésbica e/ou outras identidades.

Desta forma, a visão eurocêntrica e universalizante que perpassava o Movimento Feminista Brasileiro impedia que as demandas das mulheres negras fossem, de certa forma, aclamadas, no seu seio. Sueli Carneiro identifica que esse contexto revelava a “insuficiência teórica e prática para integrar as diferentes expressões do feminino construído em sociedades multirraciais e pluriculturais” como a brasileira, por exemplo, por isso a necessidade de fomentar embate específico à “desigualdade de gênero e intragênero” a fim de que se afirmasse uma luta pela perspectiva feminina negra fruto da condição específica desse segmento alinhada a luta antirracista que se reforçara no Brasil.

Era preciso, conforme Carneiro, “politizar as desigualdades de gênero” a fim de que as mulheres tornassem “novos sujeitos políticos”, pois lembrando Lélia González: “a tomada de consciência da opressão ocorre, antes de tudo, pelo racial”. Sob este ponto de vista, impulsionava-se a atuação para a dupla valorização, já que, segundo González, “o racismo rebaixa o status dos gêneros”. Desta feita, o enegrecimento do movimento de mulheres passara a ser uma prerrogativa importante para o fortalecimento na luta contra o racismo e a discriminação sexual.

Trindade estava ciente dessa luta e usou seus mandatos para reforçá-la e, ao mesmo tempo, substanciá-la. Inteirando-se do panorama brasileiro e entendendo que a via institucional era para ela a mais viável para modificar a realidade da população no âmbito socioeconômico e político. Trindade se submete a outro patamar da política, enfrentando as forças contrárias dentro e fora do

partido que optou, candidatando-se à deputada federal.

Para além dos mandatos, não podemos deixar de perceber, sua premente necessidade de estar juntos dos movimentos sociais. Desta forma, o diálogo perene com instâncias representativas dos segmentos marginalmente incluídos era uma das principais estratégias da parlamentar e militante.

Falar da Trindade para mim mobiliza-me para cheiros, cores, risos e choros, atos e silêncios. A amiga e comadre representava, sob vários aspectos, os anseios de uma geração, da nossa geração, que sonhava com uma sociedade justa e igualitária, em que homens e mulheres vivêssemos em comum distribuição de bens e serviços, onde a riqueza abundante de nosso país fosse um bem de que todos usufruíssem igualmente. Sonho? Utopia? Até então é. Talvez o melhor seria dizer que estamos numa gangorra de sentimentos entre descrédito, (des)esperança e raiva. Ou que estamos sob um movimento pendular cuja sensação é de mal-estar por descortinarmos o sonho e o vermos engolfado num redemoinho.

Mas falar da Francisca Trindade requer de nós acionar nossa vontade e ação, a partir dos lugares em que estamos, pela construção de uma vida coletiva cujas relações sejam fortalecidas e modificadas para a construção de outra forma de Ser no mundo e uma nova forma de viver e reconstruir o Brasil.

Enfim, escrever sobre Francisca Trindade, filha de dona Lídia, irmã de Nazaré, Marli e Manuel, é velar um tempo e, nesse movimento, reviver momentos preciosos, nutridos de mútua admiração, carinho e um amor de irmã para além da morte.

Trindade entoava os versos da canção “É d’Oxum” de Gerônimo. “Nessa cidade todo mundo é d’Oxum / Homem, menino, menina, mulher / Toda essa gente irradia magia”. Ela irradiava magia, certamente era filha de Oxum, acolhida por lemanjá e lansã. Axé!

Referências

BRASIL. LEI MARIA DA PENHA. Lei N.º 11.340, de 7 de Agosto de 2006. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm, acesso em 15/10/2013.

CARNEIRO, Sueli. *Mulheres em Movimento*. IN. REVISTA ESTUDOS AVANÇADOS, São Paulo, v. 17, nº 49, 2003, p. 117 – 133. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v17n49/l8400.pdf>>, acesso 15/10/2013.

CENTRO FEMINISTA DE ESTUDOS E ASSESSORIA. <https://www.cfemea.org.br/>, acesso em 30/09/2013. Reacesso em 30/03/2020.

COMISSÃO PASTORAL DA TERRA. Massacre no campo. Histórico. (2010). Disponível em <<http://www.cptnacional.org.br/index.php/quem-somos/historico#sthash.SxctUhzg.dpuf>>, acesso em out./2014.

Jornal Folha de São Paulo. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/11/bancada-negra-no-congresso-e-sub-representada-em-postos-de-comando.shtml>> acesso 20/03/2020.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação* episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MARANHÃO, Salgado. *Sol sanguíneo*. Rio de Janeiro: Imago, 2002, p. 93-94.

PORTAL DIÁRIO DO NORDESTE. Morre a deputada Francisca Trindade, depois de um AVC. (2003) Disponível em <<https://diario-donordeste.verdesmares.com.br/editorias/pais/morre-a-deputadafrancisca-trindade-depois-de-um-avc-1.412081>>, acesso em outubro de 2013.

SOUZA, Elio Ferreira. A carta da escrava 'Esperança Garcia' de Nazaré do Piauí: uma narrativa de testemunho precursora da literatura afro-brasileira. Portal Liteafro. Disponível em <<http://www.lettras.ufmg.br/liteafro/arquivos/artigos/criticas/ArtigoElioferreira-lcartaesperancagarcia.pdf>>, acesso em 30/03/2020.

TRINDADE, Dep. Francisca. Câmara dos deputados. Mulheres no Parlamento. Entrevista com a deputada Francisca Trindade do PT/PI. Disponível em <https://www.camara.leg.br/tv/147093-dep-francisca-trindade-pt-pi/>>, acesso em 20/09/2013.

TRINDADE, Solano. *Tem gente com fome e outros poemas*. Rio de Janeiro: Sindicato dos Escritores do Rio de Janeiro, 1988.

[DADOS BIOGRÁFICOS DE FRANCISCA TRINDADE]

1966 – Nasce Francisca das Chagas da Trindade, em Teresina, no dia 26 de março.

Filha de Lídia Maria da Trindade e Raimundo Pereira da Trindade

1980 – Participa dos grupos comunitários da Igreja Católica no bairro Água Mineral.

1982 – Participa do Grupo de jovens no bairro Água Mineral – Teresina.

1983 – Participa como secretária da Pastoral de Juventude do Meio Popular, com sede no edifício Paulo VI – Teresina – PI.

1984 – Torna-se Presidenta da Associação de Moradores do bairro Água Mineral – Teresina – PI.

1985 – Filia-se ao Partido dos Trabalhadores – PI.

1986 – Organiza e funda junto com outros/as militantes a FAMCC - Federação das Associações de Moradores e Conselhos Comunitários do Estado do Piauí.

1991 – Forma-se em Teologia pela Universidade Federal do Piauí.

1991 – Cursa Filosofia na Universidade Federal do Piauí.

1992 – Disputa a uma vaga na Câmara Municipal de Teresina e fica na suplência.

1994 – Assume o cargo de vereadora e destaca-se como a vereadora mais atuante.

1996 – É eleita vereadora para a Câmara Municipal de Teresina.

1998 – Eleita deputada estadual pelo PT.

1999 a 2000 – Presidiu a Comissão de Direitos Humanos na Assembleia Legislativa do Piauí.

1999 - Casa-se com Edilberto Oliveira com quem teve dois filhos Camila e Yan.

2002 – É eleita deputada federal pelo PT (até então a deputada mais votada da história do Piauí).

2003 – Toma posse do mandato de deputada federal passa a ser a primeira vice-presidenta da Comissão de Desenvolvimento Urbano e Interior.

2003 – Falece, faz sua passagem para o Órum, em 27 de julho, vítima de acidente vascular cerebral hemorrágico (aneurisma).

[AS AUTORAS]

Sônia Maria Dias de Sousa, conhecida popularmente como Sônia Terra. Teresinense, 59 anos. Graduada em Jornalismo, Especialista em Educação, Cultura e Identidade Afrodescendente (UFPI) e em Gestão Cultural (URFPE). Mestranda em Sociedade e Cultura (UESPI). É militante na área dos Direitos Humanos, atuando no movimento negro e de mulheres, integrando também o movimento cultural piauiense.

Rosângela Carvalho Amorim, de Esperantina (PI), formada em História, Especialista em História Sociocultural na Universidade Federal do Piauí. Mestre em Ciências Políticas “management sociale e sviluppo locale” pela Universidade de Pisa, Itália. Participou da equipe de Francisca Trindade no mandato de vereadora e de deputada estadual.

Maria Hortência Mendes de Sousa. Terapeuta naturalista. Ex-secretária regional da Rede Cáritas no Piauí. Ativista do Movimento de Mulheres no Piauí. Escreve crônica e ensaios de temática feminina. Mantém o blog “Tecendo novas ideias” e o canal no YouTube “Mulheres, vidas, lutas e conquistas”.

Lucineide Barros Medeiros - Professora da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Doutora em Educação, militante dos movimentos sociais populares, ex-dirigente da Federação das Associações de Moradores e Conselhos Comunitários do Piauí (FAMCC/PI), integrou a equipe de assessoria parlamentar do Mandato da Trindade na Câmara Municipal de Teresina (PI).

Maria Lúcia Araújo e Silva, 59 anos, natural de Teresina, Piauí. Especialização “Latu-sensu” em Administração e planejamento de projetos sociais, Universidade Gama Filho; Licenciatura plena e Bacharelado em

Ciências Sociais, Universidade Federal do Piauí; Experiências de trabalho, desde 1998, Caritas Brasileira e Governo do Estado do Piauí, gestão e assessorias de programas e políticas de convivência com o semiárido; ações de focalização em gênero, geração e etnia; Ativista do movimento negro e feminista. Defensora pública popular.

Francisca Maria do Nascimento Sousa. Professora da Faculdade São Agostinho. Mestre em Educação pela UFPI. Possui graduação em Pedagogia/ Magistério pela Universidade Estadual do Piauí (2001), graduação em Pedagogia/Supervisão Escolar pela Universidade Federal do Piauí (1994) e mestrado em Educação pela Universidade Federal do Piauí (2001). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Currículo, atuando principalmente em temáticas como: educação e inclusão; educação e diversidade racial, educação e gênero.

Haldaci Regina da Silva. Pedagoga, Especialista em Gestão Pública, Mestra em Educação/UFPI. /Integrante do Instituto da Mulher Negra do Piauí/Rede de Mulheres Negras do Nordeste/Articulação de Mulheres Negras do Brasil / RODA GRIÔ- Núcleo de Pesquisa em Educação e Afrodescendência. Pesquisadora das Referências Negras e Indígenas.

Conceição de Maria de Sousa e Silva, graduada em História e Sociologia pela UFPI, Especialista em História e literatura Africana e Afrobrasileira (UESPI), Gênero e Raça (UFPI), e Mestra em políticas Públicas pela FLAC-SO. É também militante do movimento negro e de mulheres e filiada ao Partido dos Trabalhadores – PT.

Assunção de Maria Sousa e Silva, professora adjunta da UESPI. Professora Titular EBBT/UFPI. Doutora em Literaturas de Língua Portuguesa, autora de *Nações entrecruzadas tessitura de resistência na poesia de Conceição Evaristo, Paula Tavares e Conceição Lima* (2019), pesquisa literaturas africanas de língua portuguesa e de autoria negra brasileira.



FILHA DA COR

Assis Bezerra/Sônia Terra

No gingado gostoso do nosso afoxé
Explode a beleza faceira da negra mulher
No tan tan do balanço do toque ljexá
Carrega consigo a benção de mãe lemanjá

Negra menina
Guerreira mulher
Ginga teu corpo
Com o nosso afoxé
Mostra tua força
Na luta com o povo
Refaz tua história
Guerreira de novo.

Lê lê ô...

Lê lê ô...



Editora da
Universidade
Estadual do Piauí

